



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – FIOCRUZ

CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR E PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS NA CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA SOARES

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A CENOPOESIA NO PERCURSO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR,
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO**

EUSÉBIO – CE

MARÇO DE 2020

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA SOARES

**NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A CENOPOESIA NO PERCURSO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR,
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O
SEMIÁRIDO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fiocruz Ceará.

Orientadora: Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas

EUSÉBIO – CE
MARÇO DE 2020

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Escritório Técnico Fiocruz Ceará
Biblioteca Fiocruz Ceará
Gerada mediante dados fornecidos pelo(a) autor(a)

S676n Soares, Francisco José da Silva.
Narrativa Autobiográfica sobre a Cenopoesia no Percurso
Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular,
Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o
Semiárido. / Francisco José da Silva Soares. – 2020.
53 f. : il. : color.

Orientadora: Profa. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas.
TCC (Especialização em Educação Popular e Promoção de
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido) –
Fundação Oswaldo Cruz, Eusébio, CE, 2020.

1. Arte. 2. Autobiografia. 3. Cenopoesia. 4. Cuidado.
5. Educação Popular e Saúde. I. Título.

CDD – 362.1068

FRANCISCO JOSÉ DA SILVA SOARES

NARRATIVA AUTOBIOGRÁFICA SOBRE A CENOPOESIA NO PERCURSO
PEDAGÓGICO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO POPULAR,
PROMOÇÃO DE TERRITÓRIOS SAUDÁVEIS E CONVIVÊNCIA COM O SEMIÁRIDO

Trabalho de Conclusão do Curso apresentado à banca do Curso de Especialização em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido, Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Educação Popular e Promoção de Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Vera Lúcia de Azevedo Dantas (Presidente/Orientadora)
Fiocruz Ceará

Prof. Raimundo Félix de Lima, Co-orientador
Fiocruz Ceará

Prof. Mestra Giselda Maria de Castro Lima
Coordenação do curso - Fiocruz Ceará

Profª. Dra. Claudiana Nogueira de Alencar
Universidade Estadual do Ceará

Data da Aprovação: ____ de _____ de 2020

EUSÉBIO-CE

AGRADECIMENTOS

À luz dos meus, que me olham, que me admiram, os que me desejam o bem, a felicidade e o sucesso. Neste tempo de agora, do ano de 2020, gostaria aqui de tecer meus sinceros e honrosos agradecimentos. Primeiro às minhas matriarcas ancestrais. Minha Mãe, Maria Iracema, minhas avós, Dona Branca, Vó Isaura e Maria Estela. Meus avôs José Francisco e Seu Milton. A essas pessoas que lembro com saudosismo, respeito e aqui faço minha reverência, com amor, carinho, compromisso e gratulação, por tudo que essas pessoas amadas me ensinaram em vida e que assim seja, mesmo com suas partidas. Que eu seja agora cuidado por esses seres de luz no *orun* em que elas e eles habitam, gratidão, gratidão, gratidão!

Gostaria de compor meus agradecimentos trazendo, a esse palco das letras, meu pai amado e pelo qual tenho profunda admiração respeito e deslumbramentos para com essa figura mística, sublime e silenciosamente amorosa. Para você, seu Otacílio Soares, toda minha gratidão. Sou um filho extremamente feliz em ter você como pai e amigo. Aqui também queria trazer meus irmãos Washington Soares, Eduardo Soares, Camila Soares, Suze Soares e Suzana Sores — e todas as minhas tias, tios, primas e primos: a vocês meus agradecimentos.

Nesta criação quero nas melodias destas palavras descritas sobre o som dos ventos do litoral novo, que em brisa molha meu rosto em dias de sol. Gostaria que se fizessem rimas meus agradecimentos à minha flor de fevereiro, à rosa verde de meus olhos, escurecidos, Sávia Augusta. Esse trabalho entreteceu entre nós dois, com seus incentivos, sua doação de cuidado ao nosso filho Benjamim Kayodê. Seu respeito e carinho, suas dicas e sugestões. Para você meu amor, toda minha gratidão. Sem sua ajuda nada disso seria possível. Gratidão também ao meu filho que entendeu minhas ausências em favor de uma dedicação à escrita deste trabalho. A você Benjamim Kayodê, minha gratidão, pois quando o cansaço me assolava a mente, era você que me fazia me alegrar, com suas brincadeiras, seus carinhos e amor. Meu filho, te amo muito!

Gostaria de externar minha gratidão a Vera Dantas. Primeiro por me possibilitar tantos aprendizados e conhecimentos durante a Especialização e, outra, por me acolher na orientação deste trabalho. Verinha, suas colocações, seu carinho, a energia suprema que pulsa em você me atravessa e me coloca em constante desejo de ser uma pessoa melhor. Sou só gratidão a tudo que você tem feito por mim. Com Verinha, vem Ray Lima, nosso mestre! Quão feliz sou eu em ter você como parceiro nesta labuta poética, neste entrelaçar de sonhos, desejos e

construções de mundo melhores, onde cuidar do outro é, na verdade, o singelo ato cenopoético de cuidar de mim e cuidar do mundo. A você, Ray Lima, minha imensa gratidão, respeito e reverência ao artista, poeta, músico — e a esse humano iluminado e radiante que você é: gratidão.

Queria expressar meus agradecimentos a Giselda Maria de Castro Lima, à querida Gigi Castro. Que com sua doçura, carinho e sua voz que encanta e canta as mais belas canções para acalantar as almas dos aflitos, os amores sem palavras frente às suas amadas. Que embala as ondas do mar com suas melodias, fazendo a sereia que habita em mim dançar ao som das cordas de seu violão, por acolher mais um neto, por fazer de nossas cenas, músicas e devaneios escritas, ao registrar nossas loucuras em uma tarefa que beirava o absurdo de tantas coisas que fomos fazendo e criando neste processo e por aceitar participar e contribuir com a escrita deste trabalho. Gigi Castro, gratidão!

Desde já, gostaria de agradecer a disponibilidade e atenção da Professora Claudiana Nogueira de Alencar por aceitar participar desta banca de avaliação e de contribuir com esse trabalho. Gratidão por doar sua sabedoria e esperteza para esse artista sonhador encantado pelas palavras.

Minha gratidão à Fiocruz Ceará na pessoa da Ana Cláudia de Araújo Teixeira, por junto com outras entidades e organizações oportunizar uma Especialização que foi muito além do que só um Curso. Foi a recriação no percurso da formação, em virtude do corte de verba, das dificuldades que foram surgindo, mas que no final teve como resultado a superação, o fenômeno cultural dos encontros humanos e do poder que essa humanidade tem de reinventar as possibilidades guardadas em nossas memórias afetivas. Gratidão Ana e a todas e todos que construíram esse processo tão lindo.

RESUMO

O presente trabalho mergulha nos mares cearenses de meus referenciais de Educação Popular, Arte, Saúde e Cuidado fecundado pelas melodias da amorosidade dos atos cenopoéticos como tecnologia metodológica e didática na construção dos saberes e aprendizados no *Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido* da Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz-CE. Apresento nesta incursão poética as sementes germinadoras que fizeram brotar novos sonhos, desejos e desafios que enriquecem a minha constituição de poeta, músico e artista, em constante ato de esperar as transformações necessárias, a evolução política, pessoal e coletiva. Nessa pesquisa utilizei a metodologia qualitativa, autobiográfica, que teve como técnica de construção da narrativa o ateliê autobiográfico com palavras geradoras, colhidas no círculo de cultura de Paulo Freire, posteriormente refletida e dialogada com autores como Ray Lima, Vera Dantas, Eduardo Oliveira, Nicole Cruz, Josevânia Dantas, Marie Christine Josso, dentre outras e outros, que me permitiram avançar nos estudos por meio das suas construções literárias, científicas e poéticas, dando bases sólidas para as reflexões e análises dos atos cenopoéticos como elementos de eficácia na estruturação e produção de saber durante o Curso de Especialização. É no balanço da jangada, saindo em direção à imensidão do mar na madrugada dos dias beirando o amanhecer do sol sobre a plástica estética, poética de um colorido próprio de si, que só o céu com os primeiros raios de sol é capaz de pintar, que nadaremos em mar aberto de braços e coração plainando no ar esperando o aconchego de um abraço caloroso que busquei, desvelando os aprendizados, sonhos e desejos a experiência deste processo de pesquisa com a cenopoesia e todo potencial de transformação, criação, cuidado, saúde e amorosidade dos encontros humanos que ela é capaz de produzir com as canções, as poesias, o teatro e a uníssima relação com as linguagens artísticas pelo pleno e ambicioso desejo de cuidar do outro, do mundo e de si.

Palavras-chave: Arte, Autobiografia, Cenopoesia, Cuidado, Educação Popular e Saúde.

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	08
2.	A construção de uma cenográfica metodológica e seu percurso.....	15
3.	Sobre as asas de um pensamento cenopoético no delírio esperançar da transformação de si, do outro e do mundo.....	20
	3.1 O voo dos sonhos se faz com as primeiras batidas de asas dolorosa do pássaro.....	21
	3.2 ATO I: Acolhendo ou sendo acolhido? Amar ou ser amado? A arte do encontro é a troca no corpo a corpo da existência em coletivo: a Cenopoesia transmutando o ser pela necessidade de existir em plenitude na arte que apaixona.....	22
	3.3 ATO II: Ancestralidade contemporânea do agora, que se faz no feminino do meu eu, da poesia sustentada pelas histórias de meu lugar, dos meus imaginários transmutados nas artes que me alicerçam.....	28
	3.4 ATO FINAL: Cenopoetizando a amorosidade plena nas relações humanas de cuidar, na recíproca artística de ser cuidado, com a limpidez de fazer o bem e inteireza da gratidão.	36
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
5	REFERÊNCIAS.....	48
6	ANEXOS.....	50

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um convite dançante ao som de uma cantiga em prosas e versos poetizados. Faz-se em poesia, rimas e canções. É uma pesquisa que busca na arte que surge do encontro, das relações entre pessoas, do que se constrói nas entrelinhas de uma conversa, de um diálogo desprezioso, porém vivo em essência humana e que eclode da Cenopoesia como forma de ver, agir e refletir o mundo desejado. O convite é para uma brincadeira com teatro, música e poesia.

Nesta investigação, analisei a importância da *Cenopoesia no Percurso Pedagógico do Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido*. Mergulhei nas minhas memórias afetivas, nas minhas experiências e nos meus aprendizados construídos durante essa vivência na Especialização. Com a narrativa autobiográfica busquei refletir e perscrutar a importância pedagógica das interações cenopoéticas no caminhar de construção de saberes e aprendizados do Curso.

Para tal busca e análise, falarei um pouco sobre a Cenopoesia discorrendo, assim, para que se entenda a grandiosidade que são os atos cenopoéticos. Gostaria de deixar evidenciado que outras pesquisadoras e pesquisadores já investigaram e fizeram trabalhos de pesquisa sobre a Cenopoesia. Dentre elas, posso destacar Dantas (2009), que em sua tese de doutorado *Dialogismo e Arte na Gestão em Saúde: a perspectiva popular na experiência das Cirandas da Vida em Fortaleza-CE*, traz a Cenopoesia como uma linguagem artística que impulsiona o diálogo com outras formas de fazeres artísticos presentes. Temos também duas dissertações: *Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura* (CRUZ, 2018), que tece uma interessante escrita entrelaçada em cartas que narram e falam sobre as vivências no Hotel da Loucura nos anos de 2012 a 2016, no Engenho de Dentro, zona norte da cidade do Rio de Janeiro; e outro trabalho que tem como foco a cenopoesia é o de Dantas (2009), que busca fazer uma análise da natureza artística de Cenopoesia a partir do conceito de arte para compreender se as práticas cenopoéticas podem ser identificadas como uma expressão da Educação Popular. Temos, por fim, muitas outras pessoas pesquisando e trabalhando com essa perspectiva, com essa forma de ver e encarar o mundo, os saberes e as trocas de conhecimentos. Poderia ficar descrevendo e falando das pessoas que estão neste desejo de fazer, pensar e refletir cientificamente e popularmente sobre a Cenopoesia, mas queria trazer primeiro o que pensa a pessoa que criou esse objeto de minha pesquisa, Ray Lima,

Cenopoeta, ator e diretor teatral, fundador do Movimento Escambo Popular Livre de Rua. formado em Letras na UERJ, com Especialização em Gestão de Sistemas e Serviços de Saúde pela UNICAMP. Em meados dos anos de 1980, vai-se chamar pela primeira vez uma ação cultural pensada por ele como *ato cenopoético*, como podemos ver a seguir:

Em mais de duas décadas de existência, se contarmos da data de 1987, quando o termo “cenopoesia” foi usado pela primeira vez, por Ray Lima, para nomear um recital poético na Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, o ato cenopoético utilizou-se dos mais variados espaços, interagindo sobre diferentes contextos e situações. Desde bares, salões, teatros, ruas, praças, teatros naturais de pedra, igrejas, auditórios, hotéis, palácios, restaurantes, universidades, cinemas, árvores, tendas, terreiros etc., onde a problematização da vida em sociedade e a expressão do humano se faz sempre recarregada de sua imprescindível liberdade de criação e recriação do mundo (LIMA, 2014, p.192).

Encontramos aqui acima o nascedouro, o parto de uma ideia. De uma criança que nasceu sob as asas da arte, com arte, pela arte e para com a arte da vida, do encontro, da problematização, com ação de transformar, de recriar o mundo, as coisas, os seres. Se contássemos minuciosamente os anos, hoje seria uma ideia adulta de alma jovem destemida, ousada e curiosa como uma criança. A Cenopoesia tem 33 anos de idade, mas, como fala o próprio Ray Lima em uma poesia-canção: “*Nossa história é tão antiga! Se eu for contar, você dúvida. Se eu for contar, você dúvida (...)*” (LIMA, 2014, p.139). Essa história não se conta nos dedos, nem mesmo com a ajuda dos dedos dos pés... Essa história é ancestral! Sobre a Cenopoesia, Ray Lima afirma,

(...) cenopoético se exercita indicando o fim da solidão ou do egocentrismo das linguagens e da estagnação dos discursos de travas, das correntes estéticas que, encurraladas pelos donos do saber para existir, pregam o fim do outro, da outra. E por isso mesmo sugere como caminho a construção de um espaço de comunhão entre os saberes, onde os diferentes estão no mesmo nível e lugar, usufruindo a riqueza coletiva do pensar criativo sem abdicar de suas cores e seus brilhos inatos, das motivações e propriedades que lhes dão forma e sentido. Se pudéssemos considerar a arte como lugar de encontro do ser com suas múltiplas possibilidades criativo-inventivas; de ensinar e aprender, refletir e agir com e sobre o mundo, a cenopoesia seria o lugar de encontro das linguagens com todas as suas capacidades dialógicas, transitivas e infinitamente expressivas, transformadoras e autotransformadoras: de criadores e criaturas; dos praticantes e dos mundos onde nascem, vivem, morrem ou se perpetuam os homens pela força amorosa do encontro de si e entre si através de suas artes (LIMA 2010, p. 5 apud LIMA, 2013, p. 33 e 34)

A Cenopoesia é a arte do encontro, inimiga direta da solidão, do egocentrismo. É a possibilidade material e vivencial do compartilhamento dos mais distintos saberes, não faz oposição entre popular e acadêmico, pois cada saber tem seu valor de ser e existir. Cenopoesia

é onde as linguagens se encontram, a arte se manifesta criativa e inventiva com todo seu poder de transformação do mundo, das coisas, dos lugares e de si, por si e com os outros, pois estou falando aqui da arte que se faz da dádiva mágica e transcendente do encontro humano. É sobre esse fazer que vamos enveredar em uma viagem investigativa, de analisar e pesquisar como se deram as contribuições e intervenções da Cenopoesia no percurso pedagógico do *Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido*.

O *Curso de Especialização* foi pensado e composto em seis módulos de saberes que são: I. Sociedade, Estado e modelos de Desenvolvimento; II. Território, Trabalho e Cultura; III. Educação Popular em Saúde; IV. Promoção e Vigilância à Saúde no Território; V. Água, Agroecologia, Saneamento e Convivência com Semiárido; VI. Construção Compartilhada do Conhecimento. Esses módulos foram divididos em três Unidades de Aprendizagem, sendo a primeira Educação Popular em Saúde no Contexto do Semiárido. Nesta primeira Unidade buscamos conhecer um pouco da história da educação popular, das lutas do Semiárido, dos processos educativos no campo e na cidade. Versamos e construímos saberes sobre nossos territórios e como a Educação Popular em Saúde foi se materializando e se fortalecendo durante os anos. Outra unidade foi a do Diálogos e Intervenções nos territórios. Aqui cada educando e educanda foi convidado/a a entrar em seus territórios e realizar e construir coletivamente com a comunidade uma Cartografia Social e com isso realizar intervenções nas ameaças aos territórios apontadas nas produções das cartografias sociais para promover ações e atividades que pudessem melhorar e intervir em uma problemática diagnosticada na cartografia.

Por fim, tivemos a última Unidade de Aprendizagem, que foi a Sistematização de Ações Afirmativas em Educação Popular em Saúde e Convivência com o Semiárido nos Territórios. Neste momento, fomos convidados a pensar e sistematizar experiências e práticas promotoras de saúde em nossos territórios. Assim, cada pessoa olhou para uma ação e/ou experiência da comunidade na qual estava inserida e sistematizou o que estava sendo realizado nas suas regiões — sistematização de experiências e ações que contribuem com a saúde em suas mais distintas dimensões e promovem a vida saudável nos lugares em que estão situadas. Vale aqui ressaltar que, no *Curso*, tivemos muitos momentos importantes de construção de saberes, tais como os Encontros Regionais, onde foi possível apresentar e compartilhar um pouco de nossas produções. Vivenciamos ainda um Encontro Interestadual

que seguiu a mesma proposta de ser um momento onde pudéssemos dividir com outras pessoas as experiências dos trabalhos realizados nos territórios, na busca de fortalecer as práticas e experiências vividas, bem como contribuir e motivar outras ações. Finalmente, iniciamos cada um e cada uma a produção e criação do Trabalho de Conclusão de Curso-TCC.

No período do *Curso*, cada Unidade de Aprendizagem contou com o Tempo-Escola, em que foram desenvolvidas as atividades pedagógicas presenciais, e também com o Tempo-Comunidade, em que colocamos em prática as vivências do Tempo-Escola. A construção de saber e pesquisar na comunidade foi importante e com certeza foi fundamental para o amadurecimento dos conteúdos compartilhados no Tempo-Escola. O Tempo-Comunidade, foi uma espécie de laboratório de experimentações metodológicas e práticas. Momentos de aperfeiçoar as técnicas vivenciadas em sala de aula. Foi um caminho acertado na construção metodológica do *Curso*.

Neste estudo, vou me dedicar principalmente a analisar a importância metodológica da Cenopoesia no decorrer do *Curso* e descrever essa ação cultural no que se refere à provocação de reflexões, críticas artísticas, criativas e poéticas no intercuro entre as teorias e práticas apresentadas pelos professores e professoras no Tempo-Escola e na transmutação das teorias em ações artísticas cenopoéticas. Vou me ater principalmente aos momentos formativos e interativos do Tempo-Escola, quando as ações cenopoéticas se materializaram e se fizeram presentes como aliadas metodológicas no processo de apropriação dos saberes.

Desse modo, trago como objetivo suleador desta pesquisa descobrir e desvelar as principais contribuições pedagógicas da Cenopoesia no *Curso de Especialização em Educação Popular; Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido*. Como objetivos específicos: 1.descrever o processo de interação cenopoética nos momentos de estudos no Tempo-Escola; 2.identificar as ações culturais pedagógicas cenopoéticas no processo de construção do conhecimento; 3.refletir como fui e sou tocado emocionalmente, intelectualmente e humanamente com as provocações cenopoéticas no percurso do curso.

Esses objetivos que trago para analisar e refletir serviram para entender como eu, educador, ator, músico e poeta, posso ser um agente cenopoético no mundo das relações de ensino-aprendizado. Como a Cenopoesia está para mudar o mundo com seus dispositivos artísticos, didáticos, poéticos e humanamente revolucionários em tempos em que as pessoas

muitas vezes são tão humanamente desumanas. Perceber como isso é transformador e o que tem de esperar nos atos cenopoéticos vividos no *Curso*.

Vale ressaltar que a busca por aprofundamento, entender e analisar as possibilidades e avanços que foram possíveis com a Cenopoesia no *Curso* vai nos permitir que possamos replicar essa experiência, possibilitando com isso uma tecnologia pedagógica metodológica em que a arte não seja só uma mera intervenção cultural ou um momento de descontração mediante uma rotina ou processo de compartilhamento de conteúdo denso. Ray Lima vai dizer que “*O exercício da linguagem cenopoética revela-se, além de expressão artística genuína, como potente estratégia de problematização em processos formativos e pedagógico-vivenciais, em ações de educação (...)*” (LIMA, 2014, p. 193). A busca por esse entendimento e desejo nesta pesquisa é verificar o papel da Cenopoesia nos processos de ensino-aprendizagem durante o *Curso* em questão para analisar a potência desta pedagogia-vivencial que tem a arte como combustível de transmutação.

Analisar esse processo permitirá, principalmente, entender como se materializa uma proposta de educação que valoriza e entende o educando-artista como fonte de saber. Que compreende a arte não como entremeio de produzir conhecimento, mas como o próprio ato de saber. E mais, como transmutador dos saberes que se está produzindo, pois a todo instante os cenopoetas artistas e brincantes fazem suas reflexões e vão fazendo um diálogo entre os vividos no *Curso* com sua história de vida. Os criadores da cenopoesia vão chamar as experiências anteriores dos cenopoetas de *repertório humano*. Esse é inerente a todas as pessoas, por isso os mesmos acham que deve se respeitar e dar a devida importância a esses saberes e conhecimentos, por serem trazidos para a cena quando as ações e reflexões cenopoéticas estão sendo construídas coletivamente. Sobre essa questão, Ray Lima diz da Cenopoesia que ela:

Daí produz suas leituras, constrói diálogos e sínteses, utilizando-se de linguagens disponíveis na memória do ambiente de atuação, considerando sempre a potência e os limites do grupo ou de quem se propõe a viver o ato cenopoético (LIMA, 2014, p. 41).

Parece-nos que esse percurso, respeitando e utilizando o que se tem disponível na memória e pensando nas potências e limites dos que se jogam a prática vivencial de Cenopoesia, permite experimentar as inúmeras possibilidades e liberdades poéticas e artísticas que os atos possibilitam, sempre respeitando e considerando as individualidades e os limites das pessoas, valorizando os saberes e histórias conquistados nos tempos de vida.

Precisamos compreender como a arte pode ser capaz de implodir e emergir saberes e conhecimentos nos educandos e educandas, isso em um movimento de dentro para fora e de fora para dentro, permitido assim a recriação e construção de novos repertórios humanos surgidos e criados a partir do encontro humano. Buscarei o entendimento da relação entre as artes do desejo de se fazer ser arte em artistas no inédito do agora e no cotidiano do amanhã.

Partindo das minhas vivências, refletirei sobre como fui me transformando e de como, ainda, mesmo depois do *Curso*, continuo me modificando neste ato de escrever e rememorar as intervenções cenopoéticas. Olhar para meus aprendizados e minhas construções se faz necessário para que eu possa reconhecer e me reinventar diante do mundo, das coisas, do outro. Os atos cenopoéticos, trazidos por Ray Lima e Vera Dantas durante os processos do *Curso*, foram tão fortes quanto as ondas do mar que batem e inundam o corpo da gente, molhando por completo a pele com água salgada do mar de sabedorias.

Fui muito tocado com as intervenções e interações cenopoéticas. Cada canção, cada poema recitado, cada cena apresentada, provocava em mim um vendaval de sentimentos, perguntas e questionamentos sobre o trabalho que desenvolvia naquela época — e me perguntava: *por que não viver com arte?* Que é o que fazem minhas emoções e meus amores saltarem aos meus olhos, que é como eu melhor consigo tocar as pessoas. Essa prática humanamente dialogável e transcendente me provocou por dias, noites, semanas, meses... Bastava eu sair das aulas de imersão do *Curso*, que eu perdia o eixo de equilíbrio e ficava pensando em deixar o trabalho puxado que desenvolvia. Porque é isso que a arte faz com a gente: tira a gente da zona de conforto e nos coloca em constante ato de pensar sobre *como eu sou* e *o que eu gostaria de ser*. É como se a arte fosse a imensidão do mar em dia de sol ardente, coberto de um encanto e beleza: ele te convida a entrar e se refrescar nas águas molhadas, mas se você não se precaver, ele te leva com as ondas e te derruba com força — porém o encanto e a beleza continuam sobre seus olhos. Isso me motiva buscar o diálogo para escrever sobre a Cenopoesia, pois uma forma de buscar foi descobrir como fui e sou tocado por esse fazer artístico que dialoga com as mais distintas práticas artísticas, como teatro, música, dança, poema, versos e canções.

Uma outra coisa que me provoca e me move a investigar a Cenopoesia é, primeiro, que é um universo no qual me identifico, pois sou possuo Licenciatura em Teatro — e na minha pesquisa de conclusão de curso na graduação, estudei os elementos da ancestralidade africana nos processos de criação dos atores e atrizes, um tema que na época carecia de

estudos. Aqui me deparo com a mesma situação, embora tenhamos algumas pesquisas de doutorado e mestrado sobre a Cenopoesia: sinto que nos falta investigar mais essa tecnologia pedagógica, provocativa e humanamente transcendente que é a Cenopoesia. Precisaríamos estudar como se aplicaria nas salas de aulas, no incentivo à leitura, na produção artística dos alunos, como se aplicaria esse caminho cenopoético na construção da autoestima das pessoas em várias áreas, como na saúde, nos atendimentos psicológicos, no ambiente universitário. Existem já várias pesquisas sobre polifonia na cena, na construção artística — por que não analisar a polifonia presente nos atos cenopoéticos? O próprio ato é em si mesmo polifônico — e entre as linguagens artísticas, enfim, o desejo de fazer esse trabalho se pauta também nessa necessidade de construirmos nossas próprias formas amorosas de produzir e fazer arte comprometida, politizada e transcendente que não ver o outro somente como espectador, mas como agente transformador e transformado pela cena que se constrói junto, a partir deste encontro humano de iguais.

2. A CONSTRUÇÃO DE UMA CENOGRAFIA METODOLÓGICA E SEU PERCURSO

Faço neste trabalho uma comparação com os elementos da arte do fazer teatral, destacando a construção cenográfica que, nesta pesquisa, referem-se às minhas opções metodológicas, escolhas científicas para fim de materializar as ideias desta investigação. Assim sendo, opto por caminhar na trilha da metodologia qualitativa, tendo a narrativa autobiográfica como opção metodologia de investigação. Para a construção deste trabalho utilizamos a técnica do ateliê autobiográfico, que foi provocada inicialmente com visualização criativa e definição de palavras-geradoras. Com isso foi-se construindo a narrativa do vivido, das memórias, dos encontros e dos momentos marcantes que foram também ganhando destaque na narração.

Quero trazer a importância, nesta caminhada metodológica, de algumas escolhas que fui fazendo junto à minha orientadora — dentre elas, temos a questão das palavras-geradoras e do círculo de cultura que se articulou para a construção da narrativa deste trabalho. A palavra-geradora é mobilizadora de saberes que compõem o círculo de cultura, sendo criação freiriana para alfabetizar, como podemos ver no seu livro *Por uma Pedagogia da Pergunta* (1985),

É preciso que o educando vá descobrindo a relação dinâmica, forte, viva, entre palavra e ação, entre palavra-ação-reflexão. Aproveitando-se, então, exemplos concretos da própria experiência dos alunos durante uma manhã de trabalho dentro da escola, no caso de uma escola de crianças, estimulá-los a fazer perguntas em torno da sua própria prática e as respostas, então, envolveriam a ação que provocou a pergunta. Agir, falar, conhecer estariam juntos (FREIRE, 1985, p. 26).

Aqui podemos ver a relação entre palavra-ação-reflexão. Elas colocam em questão a necessidade de pensar criticamente sobre o que se está lendo e vendo no mundo — e esse pensar crítico dialoga diretamente com a necessidade de uma ação frente à realidade, construindo, assim, o raciocínio sobre as palavras-geradoras. Em tese, são as palavras que colocam um movimento de ação e reflexão. Ainda neste livro, Paulo Freire vai continuar falando sobre o que foi na prática o que ele chamava de *palavra-geradora*, relatando uma vivência que teve com um grupo de São Miguel do Príncipe, na África, na qual um participante trouxe um exemplo prático que exemplificou a ideia de como podemos perceber e

trabalhar a questão e reflexão da palavra-geradora, trazendo as artes e o corpo para cena — no caso de lá, para a sala de aula, segundo a seguinte colocação:

A partir do segundo dia em que fizemos juntos, os formandos e nós, uma visita à área para apreender o universo vocabular mínimo e depois de umas tantas considerações teóricas baseadas na própria pesquisa e na seleção das palavras geradoras, cada candidato se viu responsável pela coordenação de um círculo de cultura. No dia seguinte, dedicávamos toda a manhã à análise da prática exercida na tarde anterior. Os grupos de alfabetizados estavam conscientes da importância política de seu papel — o de ajudarem na formação dos futuros educadores. Me lembro muito bem de um dos participantes do curso, sempre calado, mas muito atento e curioso, Trabalhava no Ministério da Saúde como agente popular de saúde. Diante dos alfabetizados, revelou-se um extraordinário educador. Vivo, perguntador. A palavra geradora com que devia trabalhar era *saúde*. Preferiu dramatizar uma situação da vida colonial à guisa de codificação. Foi uma experiência linda, a que tive o prazer de assistir, na qual usou o seu corpo de maneira excelente. Fez teatro, fez balé, fez música, fez tudo com o corpo, com a voz. No fundo, “propunha” ao grupo de alfabetizados que “lesse” o seu corpo, que apreendesse a unidade de seu corpo com algumas palavras que pronunciava, a fim de alcançar a palavra geradora saúde. Pois foi exatamente na dramatização, no diálogo, arrancando respostas a suas várias perguntas em torno da alimentação para chegar à palavra saúde, que o grupo de alfabetizados expressou a mesma relação entre ovo-leite e perda de saúde (FREIRE, 1985, p. 55 e 56).

Poderia deter-me a refletir bastante sobre esse trecho do livro de Paulo Freire, mas vou falar principalmente de dois aspectos que julgo necessário para esse momento, pois juntos com minha orientadora fizemos a opção de refletir e construir essa pesquisa a partir de uma visualização criativa e de palavras-geradoras, tendo como referência o círculo de cultura. Por isso, trago o trecho acima no qual Freire adentra em uma linha de raciocínio e de apresentação de um fato que nos possibilita fazer uma ligação e análise que reacende e mantém a chama acessa da ideia do trabalho que estamos fazendo, de averiguar a importância da Cenopoesia no processo de construção de saber do *Curso de Especialização*. No relato acima posso perceber a potência e as possibilidades infinitas do uso da palavra-geradora no círculo de cultura, de como se produz uma ação artística, uma criação estética e política com o corpo. Por tanto, é sabendo deste poder que tem a palavra-geradora de fazer surgir reflexão e ação que optamos fazer uso dela no processo de investigação.

Outra questão que não posso deixar de trazer é como a arte se faz presente e viva. Na verdade, a arte transcende as expectativas e se reafirma com possibilidade de transformação do meio em que se faz presente, revelando que o processo de aprendizado não se constrói

somente na mente, mas também perpassa pelo corpo como um todo, como afirma Sandra Petit, em seu livro, *Pretagogia: referencial teórico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afro-descendentes*. Ela apresenta a ideia de que o aprendizado se constrói com o corpo, ao afirmar que isso

Significa dizer que a produção de saberes se efetiva por meio do corpo (não existe a idéia de corpo e mente, só corpo) que integra emoção, razão ludicidade, sensação, intuição e sentimento. Na perspectiva da Pret@gogia, falar de aprendizagem é falar desse corpo integrado, ou seja, de um corpo inteiro (PETIT, 2011, p. 15).

Portanto, é com essa ideia de que o processo de aprendizado se constitui com o corpo todo e de que a arte na utilização deste corpo se faz potência, transcendência e transmutação das pessoas e da realidade em que estamos inseridos, que chego a uma compreensão de que nossas escolhas para a elaboração desta cenografia metodológica foi um importante caminho na busca da maturação do saber forjado no ferro e fogo no decorrer desta andança na *Especialização*.

Destaco essa aparição da arte e este corpo vivo e transformado, pois são dois elementos que estão correlacionados com a ideia da Cenopoesia, com o que acredito ser necessário, apontando para que eu possa deixar evidenciada a necessidade de refletir primeiro sobre a arte como fonte de construção de saber e os artistas, com seu corpos transcendentais, como seres vivos portadores de sabedorias com seus repertórios humanos. Com isso trago mais um componente deste cenário metodológico que são as narrativas autobiográficas. O repertório que a pessoa vai construindo durante o vivido, no meu caso, as vivências radicais e atravessadoras da *Especialização*. Para falar desse universo investigativo, vou me atracar com o conceito de Marie-Christine Josso, quando diz que:

O trabalho de pesquisa a partir da narração das histórias de vida ou, melhor dizendo, de histórias centradas na formação, efetuado na perspectiva de evidenciar e questionar as heranças, a continuidade e a ruptura, os projetos de vida, os múltiplos recursos ligados às aquisições de experiência etc., esse trabalho de reflexão a partir da narrativa da formação de si (pensando, sensibilizando-se, imaginando, emocionando-se, apreciando, amando) permite estabelecer a medida das mutações sociais e culturais nas vidas singulares e relacioná-las com a evolução dos contextos de vida profissional e social. As subjetividades exprimidas são confrontadas à sua freqüente inadequação a uma compreensão liberadora de criatividade em nossos contextos em mutação. O trabalho sobre essa subjetividade singular e plural torna-se uma das prioridades da formação em geral e do trabalho de narração das histórias de vida em particular (JOSSO, 2007, pp.414-415).

Vejamos que Josso (2007) coloca uma questão boa para que a reflexão possa se materializar no trabalho: ela fala de ato de se sensibilizar, do emocionar-se, do amor. Entendo isso como ação da amorosidade na pesquisa. Na minha concepção fazer pesquisa, sem amorosidade é desafiador e cruel, pois a investigação se constrói com dedicação, desejos e amorosidade; me encanta essa prática de pesquisa, pois me sinto parte do que estou analisando, não sou neutro, tenho minhas vivências, experiências — e isso tudo durante o processo dialoga e fica à disposição das averiguações que pretendo fazer para com aquilo que desejo compreender do processo e da pesquisa. Em outro trecho do texto, Josso (2007) fala um pouco sobre o período em que morava na África — e como a oralidade nas suas mais distintas maneiras de expressar era um forte aliado na manutenção e reconstrução das histórias do povo das comunidades por meio do papel social dos *griots*, mestres que narravam e contavam as histórias para as pessoas. Esses personagens sociais são importantes para a manutenção e continuidade das heranças históricas do povo. Josso (2007), nesta pequena passagem do texto, ainda vai falar em como a abordagem biográfica é capaz de ser ao mesmo tempo esse suporte empírico e importante na contribuição de um autoconhecimento e na formação si mediante os processos de busca e descoberta na pesquisa. Diz ela:

Que a abordagem biográfica como suporte empírico para a reflexão compreensiva da formação de si como sujeito tenha exigido uma “multirreferencialidade”, dava-me enfim o sentimento de que o saber universitário podia, por esse viés, sair de sua Torre de Babel, fazer sentido para o cidadão comum e ser para ele um saber de uso cotidiano (eu pertencço à geração de 68 da França).

Minha vida na África do oeste havia me ensinado, ainda jovem, que as histórias de vida dos velhos eram as únicas fontes de memórias, individuais e coletivas; o “griot” que eu me tornava, fazendo-me porta voz, pela restituição da compreensão da singularidade de cada ser, do itinerário das formações que o ajudam a viver sua humanidade, esse papel de “griot” e de exploradora de um território ignorado em educação convinha perfeitamente à minha sensibilidade intelectual e humana. Com as histórias de vida, o humano e a humanidade faziam um só corpo, o concreto singular dava vida, informava e abria novas perspectivas ao “pensar geral, abstrato” e às correlações estatísticas que caracterizam minha formação universitária (JOSSO, 2007, p. 432)

Destaco aqui a visão apresentada da abordagem biográfica como elemento empírico de pesquisa, colocando como possibilidade científica as vivências e práticas do nosso cotidiano, ou seja, a que desamarra a ilusão de que para se fazer e construir saber científico, precisa-se necessariamente estar cercado pelos muros e grades da universidade. Ela aponta para um diálogo com as práticas do cotidiano das pessoas, de suas histórias de vida e de suas vivências

em diálogo direto com saberes acadêmicos, possibilitando com isso a saída dos conhecimentos universitários de sua *Torre de Babel*. A experiência de Josso (2007) nos coloca diante da sua experiência de vida comunitária, tendo como foco a personalidade, ou melhor, a figura social africana do *Griot*. Esse personagem vem para nós nesse trabalho como um presente, como a *chave* que desvela muito de minha busca, nesta investigação, pois em geral, e sendo bem superficial nessa explicação, o *griot* para as comunidades africanas tradicionais tem um papel social importante de manutenção das histórias e tradições das comunidades. Segundo o Escritor Isaac Bernat: “*O griot é o mestre da palavra, é ele que não permite que a cadeia de transmissão dos conhecimentos fundamentais de uma vida se apague*” (BERNAT, 2008, p.2). Sobre o *griot*, essa figura social da cultura africana, podemos ver a seguir o que afirma Bernat (2008), compreendendo:

Porque na verdade o griot não é só ator, cantor, bailarino e músico: mas a principal fonte de armazenamento e transmissão de contos iniciáticos, anedotas e provérbios, através dos quais o africano, de qualquer idade, aprende sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Esses elementos da tradição oral são a verdadeira escola africana e o griot o seu mestre principal (BERNAT, 2008).

Aqui é possível refletir e pensar a interligação das ideias sobre culturas e saberes que se conjugam na perspectiva da Cenopoesia com a figura do *griot*, das tradições orais africanas, na qual escreve Josso (2007) sobre a perspectiva da abordagem autobiográfica. A arte presente nas práticas *griot* são igualmente presentes nas ações cenopoéticas do Curso. Os *griots* são mestres que vão para além do uso da palavra, da canção, da dança, do teatro, em nome da construção do aprendizado sobre si e sobre sua comunidade.

Assim, para finalizar essa construção cenográfica metodológica, trago outro autor que vai também contribuir com esse olhar da abordagem autobiográfica para com as pesquisas acadêmicas, fortalecendo, assim, a escolha feita por mim em trilhar este campo de investigação. Braga (2013) afirma sobre pesquisa autobiográfica e narrativas, em sua tese de doutorado, que esta:

Configura-se em um direcionamento teórico-metodológico a partir do qual vem se implementando um método de investigação e formação a um só tempo bastante rico e interessante no campo das ciências sociais e humanas. Nesse sentido, as histórias de vida, biografias, autobiografias e narrativas individuais e coletivas vêm sendo utilizadas na pesquisa em educação enquanto processo de produção de conhecimento relativo à escola e ao ensino, à formação, ao trabalho docente e demais aspectos relacionados ao fenômeno educacional. O estado da arte mostra que não se trata apenas de uma tendência contemporânea mas de um campo que, ao longo das últimas

três décadas, desenvolveu uma teorização e um estatuto epistemológico próprio, tornando-se um método científico autônomo e reconhecido no meio acadêmico (BRAGA, 2013, p. 89).

Dessa forma, revelo um reconhecimento e uma validade científica que adentro na busca de uma investigação autobiográfica sobre a importância da Cenopoesia no processo pedagógico do *Curso de Especialização* — e para referendar esse caminho metodológico, gostaria de, em nome de Braga, Josso, Bernat e Freire, narrar como se deu o processo de construção deste trabalho que foi realizado com a condução e orientação de Vera Lúcia de Azevedo Dantas, e materializou-se assim como se segue.

Como estamos falando de narrativa, queria destacar como se deu de fato a construção desse processo de escrita do TCC, assim posso garantir relatar o passa-a-passo metodológico da pesquisa em questão.

Cheguei na casa de minha orientadora, fui recebido com um caloroso abraço e seguimos para conversar sobre como se daria a trajetória de criação e construção do trabalho. Em seguida, ela saiu da sala, foi para um dos quartos e falou que estava preparando o ambiente. Depois do local organizado, ela pediu para que eu deitasse em uma esteira e iniciou um processo de recuperação de tudo que tinha vivido durante a *Especialização* — e com um *Banho de Som* com as tigelas tibetanas fui conduzido nesse momento relaxante de imersão e de recuperação das memórias afetivas. Com incensos e um ambiente de energia extremamente equilibrada, o relaxamento foi profundo e a busca por minhas memórias foi bem intenso e tranquilo, ao mesmo tempo intenso. Seguimos com esse resgate — e logo depois ela me entregou lápis e papel e pediu para que eu fosse elencando momentos importantes do vivido naquele momento, desenhasse e escrevesse uma palavra-chave para cada momento que eu definisse como mais importante. Posteriormente, ela pediu para que eu narrasse uma história partindo dos desenhos e das palavras que eu tinha escolhido. Assim se deu a construção da narrativa autobiográfica, deste processo de investigação e pesquisa — e com as escolhas metodológicas citadas anteriormente e fundamentadas. O texto que segue adiante nas próximas páginas é a própria narrativa autobiográfica dialogada com autores e autoras.

3. SOBRE AS ASAS DE UM PENSAMENTO CENOPOÉTICO NO DELÍRIO ESPERANÇAR DA TRANSFORMAÇÃO DE SI, DO OUTRO E DO MUNDO.

PRELÚDIO

3.1 O voo dos sonhos se faz com as primeiras batidas de asas dolorosas do pássaro

Para descrever essa construção tecida nas memórias de minhas vivências vai ser necessário uma contação de história, que vou dividir em cenas. Ela é doce e amarga, pois fala de amor, vida e paixão de um poeta, músico, ator que nas correrias pela sobrevivência faz de tudo para *bem viver*, mas por vezes é amarga pelo fato de que por alguns momentos a arte, que é combustível que faz minha vida pulsar em felicidade, fica em segundo plano, por conta das necessidades e das obrigações que o mundo adulto impõe. E pensando nestas imposições que o mundo nos coloca, lembrei do que fala Dominicé no seu artigo *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico* (2006), onde discorre:

Contrariamente a seus antecessores, que precisavam se opor à rigidez das normas de sua educação e encontravam a duras penas uma autonomia maior, os jovens não têm mais necessidade, verdadeiramente, de contestar as opções que seus pais projetaram para seu futuro. Em contrapartida, eles têm a obrigação de descobrir uma via mais pessoal, de aceitar as rupturas e de aprender a incerteza. Sua formação não é mais dominada por uma busca pela independência, ela é, sobretudo, mobilizada por uma preocupação pela estabilidade. Em vez de rejeitar um futuro que outros quisessem construir por eles, estes têm de encontrar por si mesmos o que lhes corresponde, num mundo cheio de surpresas, sacudido entre o sucesso dos heróis e a marginalidade dos excluídos (DOMINICÉ, 2006, p. 347).

O que vejo nesta citação é acertado, para o que vinha falando anteriormente sobre o mundo dos adultos ao qual me referia. Em particular, não fui de nenhuma maneira pressionado por meus pais a viver, praticar ou seguir os desejos deles, mas por outro lado, sempre fui incentivado a buscar por estabilidade e segurança, principalmente financeira. Isso foi me colocando em um movimento de busca de trabalho e seguridade financeira que, de certa forma, não refletia minha formação acadêmica e nem era o que me realizava profissionalmente. Mas Dominicé (2006) continua — e ele traz justamente uma reflexão sobre os trabalhos na contemporaneidade, como podemos ver a seguir:

A biografia do adulto se constrói, com efeito, em um ambiente social no qual o fator econômico desempenha, em nossos dias, um papel preponderante. Não é, pois, surpreendente que o horizonte biográfico seja incitado a se modificar. A cronologia de uma vida balizada por etapas inscritas na organização social, como aquela do tempo da formação profissional, do primeiro emprego ou da idade da aposentadoria, dá lugar a uma existência submetida a escolhas cada vez mais complexas e cujo arranjo se faz de maneira mais aleatória. Os diplomas não garantem mais o acesso a um posto de trabalho. O desemprego fragiliza o emprego e o torna cada vez mais inacessível. O fim da vida profissional acontece cada vez mais cedo, em um momento em que inúmeros adultos têm dificuldade de encontrar alternativas satisfatórias (DOMINICÉ, 2006, pp. 347-348).

O que acabo de ler acima é, em suma, uma colocação contemporânea. Mesmo tendo sido escrita há mais de 10 anos, ela é reflexo do que vivemos hoje. Como vinha falando anteriormente nesta minha história, muitas vezes é preciso deixar de lado os sonhos e os desejos de realização profissional, para fazer a opção por trabalhos que escravizam, inferiorizam, dispensam as potencialidades, pela necessidade básica-familiar de garantia do sustento e alimentação. A cobrança social pelo sucesso é cada vez mais cruel e desumana. Venho há alguns anos me perdendo nesta lógica capitalista e cruel que me obriga a fazer trabalhos que não me realizam profissionalmente, simples e unicamente pela necessidade financeira — mas quando tenho a oportunidade de subverter essas estruturas duras e insensíveis do sistema econômico e social que vivo, reinício, reinvento, saio, resisto e torno a existir.

Por um momento, fazer essa *Especialização* me parecia impossível, pois estava trabalhando em uma instituição de segunda a sexta-feira, muitas vezes cumprindo uma carga horária de mais de oito horas diárias. Quando saíram as datas e o primeiro prazo se esvaiu, eu pensei que não era mesmo para eu fazer. Fiquei pensando que não iria conseguir conciliar trabalho e estudos. Mas, para minha surpresa, foi aberto um novo prazo de inscrição, e sob o incentivo de minha companheira Sávvia Augusta, da minha amiga Alessandra Masullo e do meu amigo Osmar Rufino, decidi que iria me inscrever. Realizei a inscrição e passei na seleção. Para completar, fui convidado pela Coordenação para participar da abertura do *Curso*, na aula inaugural, participando da *mística* de abertura e acolhida. Assim se inicia o primeiro ato deste percurso.

3.2 ATO I: Acolhendo ou sendo acolhido? Amar ou ser amado? A arte do encontro é a troca no corpo a corpo da existência em coletivo: a Cenopoesia transmutando o ser pela necessidade de existir em plenitude na arte que apaixona

A oportunidade! Gostaria de começar falando do primeiro momento: a Aula Inaugural, que aconteceu na sede da FIOCRUZ-CE, onde eu e outros amigos e amigas artistas fomos convidados e convidadas a contribuir e construir juntos o acolhimento das pessoas que iriam participar da *Especialização*. Decidimos que cada pessoa iria levar uma poesia ou canção para fazermos juntos um *ato cenopoético*. A ideia inicial era acolher as pessoas. Mas no modo como aconteceu, fui eu que fui acolhido. Naquele momento-instante me reencontrei com

minha arte, com meu teatro, com minha música. A arte do encontro com minha *persona* artística, que por vezes se faz esquecida dentro de mim em detrimento, diante das obrigações cotidianas, daquilo que me é mais precioso.

O dia foi bem especial para mim, pois me arrisquei em apresentar uma de minhas canções. Poucas foram as vezes que cantei uma poesia minha¹ em um ambiente com pessoas que não conhecia! Naquele ambiente eu conhecia algumas pessoas, mas a grande maioria, não! Fiquei feliz e grato pela oportunidade de poder compartilhar minhas produções em um ambiente de artistas que eu tenho como meus mestres e que são fontes de minha inspiração. Também por ouvir as pessoas cantando junto comigo uma música que eu mesmo tinha tido a oportunidade divina de criar, escrever. Me senti acolhido e abraçado por todas as pessoas naquele momento. Por isso, para o ato I deste TCC escolhi como palavra-chave que materializa e simboliza esse instante do processo narrativo, uma palavra simples, mas de grande importância para o desenrolar desta história, que é a palavra *poesia*. Entendo a *poesia* como a palavra que possibilita o encontro ou reencontro. É a *poesia* que mais uma vez media o meu encontro com os versos de Ray Lima, que resume em poucas linhas o turbilhão de emoções, vindas que pulsam dentro de meu corpo. Ao escrever essas palavras acima, recordo o mestre Ray Lima que poetiza assim:

Cenopoetizar é perceber a vida como ato de recriação constante do existir, onde o cenopoeta de corpo inteiro age cultura adentro, rompendo com as barreiras do individualismo, do ser ilhado e egoísta das multidões do consumo, restabelecendo o diálogo ancestral entre ser e existir com o outro, com o prazer, a espontaneidade e o respeito de uma criança que brinca à beira de um rio caudaloso a interagir e aprender com o perigo de viver, sem medo de existir dignamente. É arte que segue, vida que continua (LIMA, 2016)².

Viver com o outro e fazer desse estar com seu semelhante a oportunidade de apreender e compreender tudo de diferente e novo que o outro tem e sabe fazer é o risco do rio caudaloso, de mar de ondas grandes em plena ressaca na noite de lua cheia. É o corpo todo com seus ensinamentos e aprendizados, é fazer da vida um constante *ato cenopoético*, onde não há espaço para uma encenação monóloga, individualista, do capitalismo monogâmico,

¹ A letra do meu Poema canção está disponível no anexo.

² Disponível em: <http://numansmobilizacao.blogspot.com/p/cenopoesia.html>

narcisista. As ondas do meu mar de ideias e fazeres são pautadas em práticas e cenas da vida construídas em coletivo, juntas e juntos aos que se permitem estar e fazer em grupo.

No primeiro semestre de 2018 vivenciei a experiência de atuar como educador popular do Curso de Educação Popular em Saúde no Sistema Único de Saúde-EdPopSUS, nos municípios cearenses de Aracati e Beberibe. Esse foi um Curso de Aperfeiçoamento apoiado pela Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde, coordenado pela FIOCRUZ e ANEPS para trabalhadores e trabalhadoras da Atenção Básica, lideranças e movimentos sociais, em parceria com alguns estados e municípios brasileiros. É com o coração transbordando de gratidão que escrevo sobre essa experiência. Vivenciar o EdPopSUS para mim foi de muita aprendizagem, descobertas, desafios — e, principalmente, de muita amorosidade. Cada fala, cada discurso, cada reflexão, cada abraço, cada olhar, cada trabalho apresentado, cada música, cada esquete teatral, enfim, cada encontro um mundo novo chegava para nós.

Um dos grandes aprendizados para mim foi poder compreender e conceber a saúde como um estado de bem estar e *bem viver* — ou, como diria o Movimento dos Sem Terra–MST: “*Saúde é a capacidade de lutar contra tudo aquilo que nos oprime*”. Saúde é a capacidade de não adoecer, de lutar pela vida, de ter direitos respeitados. Uma vida boa nos livra das doenças físicas, emocionais e espirituais. A vida e a saúde se fazem no coletivo. Quando eu cuido de você, estou cuidando de mim, quando eu cuido de mim, estou cuidando do mundo. O mundo é tudo o que nos cerca, começando pelo nosso mundo interior e expandindo para nossa casa, para nossa família, nossa rua, nossa comunidade, nosso bairro, nossa cidade e por aí vai... Expandindo, transformando, criando e recriando... A mudança está em nós! Tudo o que queremos é possível! Basta querer! Sonhar! Ousar! Criar! Lutar!

Finalizado o EdPopSUS, no final do semestre de 2018, em seguida entrei numa rotina de trabalho formal de oito horas diárias, que não me permitia vivenciar coisas que me foram caras durante o período daquele Curso, tais como: teatro, música, fotografia, vídeos e encontros humanos de cuidado, que aconteciam nos próprios momentos de troca de saberes propiciados pelo Curso e que nos colocavam neste movimento da arte, do encontro humano e da transformação poética transgressiva revolucionária.

O *Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido* foi uma oportunidade para esse encontro com a poesia. Desde o momento da construção da carta de intenções, quando eu estava escrevendo e

rememorando os meus vividos com a arte, com o cuidado, com as práticas comunitárias e com o EdPopSUS. Experimentei o ditado popular que diz: “recordar é viver”, pois foi exatamente esse sentimento que me tomou durante a escrita da carta de intenção. Desse modo, o acesso a essa *Especialização* pareceu-me conexão do universo, de energias superiores que vão abrindo nossos caminhos e possibilitando o encontro com a arte, daquilo que a gente gosta de fazer, do que nos apaixona para que de fato sejamos felizes neste plano — e hoje compreendo com muita gratidão essa oportunidade de experimentar momentos tão lindos, fortes e de tanto conhecimento vivido durante esse percurso do *Curso*, Que me despertou para o cuidado com o outro e a outra através do meu fazer artístico, do meu fazer cultural, de fazer revolução com paixão de meus poemas e canções. Essa passagem dialoga diretamente com as colocações de Chauí, quando escreve sobre Spinoza sobre os afetos e paixões que nos coloca em ação real de transformação,

Os afetos ou desejos não possuem todos a mesma força ou intensidade: alguns são fracos ou enfraquecedores do *conatus*, enquanto outros são fortes e fortalecedores do *conatus*. São fracos todos os afetos nascidos da tristeza, pois esta é definida por Spinoza como o sentimento de que nossa potência de existir, de agir diminui em decorrência de uma causa externa; são fortes os afetos nascidos da alegria, isto é, do sentimento de que nossa potência de existir e agir aumenta em decorrência de uma causa externa. Assim, o primeiro movimento de fortalecimento do *conatus* ocorre quando passa de paixões tristes a paixões alegres e é no interior das paixões alegres que, fortalecido, ele pode passar à ação, isto é, ao sentimento de que o aumento da potência de existir e agir depende apenas de si mesmo como causa interna. Quando o conhecimento racional e reflexivo são experimentados como uma alegria maior do que qualquer outra, essa alegria é o primeiro instante da passagem ao verdadeiro e à ação. A ética e a política transcorrem nesse espaço afetivo do *conatuscupiditas* do qual dependem a paixão e o imaginário, de um lado, a ação e o conhecimento verdadeiro, de outro (Chauí, 2006, pp. 125-126).

São paixões e alegrias em meu ser tudo o que se manifesta por meio da arte que atravessa as entranhas de minha carne, faz os pelos do meu corpo se arrepiarem em vontade própria, sem controle. A sensação incontrolável de uma potência de existir, de viver em plenitude com felicidade alegria e paixão. O fazer artístico o qual coloco aqui é decerto isso que Spinoza, pela escrita de Chauí (2006), fala sobre a verdadeira ação, que compreendo como o poder supremo de transcender os limites da existência humana e a chegada da evolução capaz de adentrar no fundo de sua própria alma e lá compreender o verdadeiro sentido de instante e agora capaz de transformar em essência humanizada solta no ar vidas que nos rodeiam — e assim, pelas transformações do próprio eu, influencia e modifica a

atmosfera, muda o tempo, altera as águas, a terra, o ar que se encontra e todas as pessoas que estão em seu raio circular de alcance.

Paixões e alegrias, resistir para existir, na constante busca de (re)existência, sonhos e desejos, ator transformador de viver e está no mundo com outras pessoas. O sentido do *Ubuntu* para a filosofia africana que é,

“Uma pessoa é uma pessoa por meio de outras pessoas”, ou “eu sou porque nós somos”. Ser humano significa ser por meio de outros. Qualquer outra forma de ser seria “des-umana” no duplo sentido da palavra, isto é, “não humano” e “desrespeitoso ou até cruel para com os outros” (LOUW, 2010, p.2).

Essa filosofia vem reafirmar a ideia da Cenopoesia segundo Nicole Cruz (2018):

Sem você esse caderno não tem alicerce, pois entre mim e a pesquisa em cenopoesia há você. Tu me moves pelo encontro da minha palavra junto à tua escuta. É no encontro, te digo, que a Cenopoesia existe (CRUZ, 2018, p. 19).

Ela ainda coloca mais sobre essa questão de se fazer e estar juntos, dando sentido ao existir porque você existe: “(...) *na cenopoesia mergulho para voltar à superfície com planos para existir junto ao outro, na busca por relações de qualidade que possam nos ajudar a imaginar realidades e mundos possíveis*” (CRUZ, 2018, p.53). Assim, sigo as labutas poéticas dessa história narrada e sonhada pessoal no sentido coletivo, com mística militante e com muito esperançar.

O *Curso* incluiu a *mística* desde o primeiro momento. A *mística*, do modo como é concebida pelos movimentos sociais populares de luta, mais especialmente falando da perspectiva do MST para com *mística*, parte de uma compreensão que enxerga nesta possibilidade um caminho de transcendência simbólica de caráter pedagógico e incitado revolucionário, que se utiliza de ferramentas da arte, como: a musicalidade, o teatro, a poesia, a dança e as mais variadas formas artísticas para promover reflexão, sensibilizar e articular para a luta companheiros (as) militantes. Para Freda Indursky (2014), em seu artigo O ritual da mística no processo de identificação e resistência:

(...) a mística do MST é uma prática político-ritualística que acompanha as ações do MST e através da quais a Forma-Sujeito Sem Terra interpela os sem-terra, convertendo-os de indivíduos acampados em sujeitos identificados com os saberes e as práticas do MST. E essa captura se realiza pelo viés do sujeito desejante. Por conseguinte, a mística pode ser vista

como um instrumento de formação política, ligado tanto à militância quanto ao recrutamento de militantes (INDURSKY, 2014, p. 112).

Compreendo, portanto, essa funcionalidade política, ideológica, educativa e transcendente do que é a *mística*. Sobre essa ideia de recrutamento de militante, Ademar Bogo afirma: “*Esta transformação subjetiva determinará a razão de participar e de preparar o corpo e a mente para fazerem-se presentes nas ações que empurram a revolução para frente. (...) A isto iremos chamar de mística militante*” (BOGO, 2000, p. 57). Poderia conversar mais sobre a concepção de *mística* mas queria me permitir a pensar, a entrelaçar essas colocações anteriores com a Cenopoesia. Diante de meus olhos, no agora instante, me veio a indagação sobre se a *mística* não poderia ser um *ato cenopoético* ou vice-versa, mas longe de querer afirmar ou tirar conclusões errôneas ou equivocadas, me arrisco a afirmar que um *ato cenopoético* nada nos mares e nos oceanos de águas turbulentas, fortes e vivas da *mística* dos movimentos sociais de luta e resistência.

Sigo minha singela narração que vai culminar em uma *mística* de abertura com o *ato cenopoético* que a mim foi dado como a oportunidade única de poder fazer parte. Participar daquele início, daquela acolhida, foi mágico na minha vida. Eu pensei: *é isso que me motiva, que me faz transcender, que me cativa e me faz luz no universo de cores*. Essas são minhas paixões alegres do qual fala Spinoza, que me colocam em estado de ação transformadora, de real potência de existir e reexistir todos os dias como faz o sol ao amanhecer no litoral icapuiense, onde as ondas do mar e as areias brancas contrastam com as falésias, morros de areias e barros avermelhados, ressaltando seu brilho pelos raios do sol ao nascer. Assim vou sendo acolhido ao mesmo tempo em que acolho, experimentando a amorosidade dos encontros humanos, das trocas, da arte construída e vivida no entreabraços dos corpos. E para embalar minhas palavras e abrir minha alma às lembranças, aos momentos de felicidade e emoções, apresento os versos a seguir:

*Poesia,
Encena
A cena
Pela cena
Na cena
O que encanta em cena
A aquilo que se faz Cenopoesia.
Cenopoesia, viva!
Potência artística
Que dialoga, dança, brinca, compartilha
Com a outra e outro*

*Seus universos de corpos humanos
De saberes entranhados na pele do seus aprendizados
Ancestrais de seu infinito ser, cenopoeta (poesia de José Soares).*

3.3 ATO II: Ancestralidade contemporânea do agora, que se faz no feminino do meu eu, da poesia sustentada pelas histórias de meu lugar, do meu imaginário transmutado nas artes que me alicerçam

Imersão de possibilidade e sonhos para descrever e simbolizar esse ato. Coloquei tambor e máscara porque representa tanto a teatralidade como a musicalidade e as canções que vão sonorizando a minha existência e dando ritmo e melodia ao cotidiano de minha vida em meu lugar, no meu território. Coloquei essas questões, pois esse momento do processo foi quando o *Curso* me levou a fazer uma cartografia social cujo objetivo era um mergulho na vida e história do meu bairro para perceber o que potencializava e o que ameaçava a vida na minha comunidade de origem.

Assim, com melodia e poema-canção, gostaria de cantarolar em versos poéticos os alicerces de minha comunidade, como o que segue em poema. Descrevo um pouquinho do grandioso e imenso potencial artístico presente no cotidiano do Pici. É o publicitário que com sua bicicleta sonora divulga e faz propaganda ao mesmo tempo em que se empodera da arte de discoteca e invade as ruas e becos distribuindo e compartilhando com as pessoas sua lista de música (*playlist*), com as canções antigas e contemporâneas, fazendo as ruas terem sonoridade. São os versos enrolados, lúdicos e engraçados do vendedor de milho dando cheiro gostoso às vielas. É o palhaço vendendo doce: “*Vai querer,, seu menino?! Vai querer sua menina?!*” E a solidariedade nas festas comunitárias dos moradores que se dedicam a fazer dias diferenciados para as mães, para as crianças e para os pais — distribuindo e dividindo o pouco que têm com os muitos que não têm nem pouco. Decerto, em palavras escritas será difícil descrever o tamanho desse lugar... Mas eu, como, poeta, atrevido, moleque, menino teimoso e *pidão*, não posso me acanhar por isso. O Pici que eu concebo singelamente assim se revela:

*No rosto coloquei minha máscara
Mas não é pra me esconder!
É um ato singelo e simbólico
De demonstrar que de fato eu sou
Um brincante, poeta
Um palhaço, ator*

*De porta e braços abertos
Para receber você, minha flor.
No corpo imponho um tambor
E de baquetas nas mãos transformo-me
Em uma arma artística,
Um franco atirador
Disparando para todos os lados,
Balas com sabor de amor.
À senhora que senta em frente à casa, sorrio,
A criança de alegria pulou,
O menino freneticamente dançou,
A canção que o rapaz cantou.
E com música, teatro, dança
Poemas, brincantes, palhaços
Bailarinos e cantor.
Todas as cores as ruas e vielas se alegraram
Sentindo cheiro, gosto e sabor,
Dos becos de uma infância que gritou
E tudo se faz em verdade no lugar em que estou
Meu imaginário de território se transmutando
Na poética comunhão ancestral
UBUNTU (poema de José Soares)*

O território que eu concebo parte de poesia, canção, melodia. É vida que pulsa em existência! Arte do inédito, do possível, do agora na busca por transformação das amarras de uma sociedade desigual e injusta. A crueldade da insuficiência de água potável, saneamento básico, saúde, esporte e lazer ameniza frente ao desumano fato da inexistência do alimento para as refeições diárias de inúmeras famílias, pessoas, artistas e inventores de sonhos deste lugar. O olhar imaginário e poético do meu Pici não é cego a tais fatos, não sou alheio, ao tráfico, à prostituição, à violência que assola diariamente, que escorre nas lamas de nossas vielas inundadas de pessoas sem escrúpulos que aliciam crianças, jovens a uma vida de finitude breve, ou melhor, cotidianamente abreviada pela “guerra das drogas”, por seus iguais e pela polícia. Sem políticas públicas eficazes, a *politicagem* se faz presente. A cada quatro anos se renova e, assim, se perpetua um ciclo vicioso de uma estrutura classista, capitalista e aniquiladora de vidas pobres, negras, indígenas, ciganas e todas as outras maiorias excluídas deste sistema. Mas meu poema captura os sorrisos, as alegrias, os saberes de meus tambores, de meu corpo negro vivo, das canções que acalantam nossos desejos, uma sonoridade democrática viva que tem espaços para todos os gostos musicais, que perpassa do clássico ao popular, transformando esse território em melodia, fazendo os corpos dançarem, pularem não de medo, mas de felicidade, de uma paz que, por mais efêmera, se faz única e inesquecível nos becos e vielas do corpo vivo do Pici. Estamos diante dos territórios alicerçados em meu

corpo. Sávia Augusta nos apresenta uma reflexão em sua dissertação de mestrado que nos coloca em conexão com essa ideia de *corpo-território*:

O corpo é parte do território-natureza e, como tal, elemento de sacralidade; um corpo que, por excelência, comunica-se e produz fazeres e saberes. Um corpo que fala por meio da palavra, do gesto, do toque, do choro e também por meio da dança (RÉGIS, 2017, p.26).

Corpo e sacralidade, corpo saberes e fazeres, corpo que dança são ideias que estão presentes no cotidiano do Pici — que se faz em constante renovação de si mesmo a cada dia, a cada novo sol que nasce e se põe com cor alaranjada que só das ruas tortas deste bairro é possível prestigiar. Compreendo que não é esse o foco do trabalho em questão, mas poderia refletir aqui sobre a possibilidade de estar diante de um *quilombo urbano*, pois suas características de estrutura organizacional comunitária, sua cultura e os elementos da ancestralidade africana que compõem os fazeres culturais e as relações de vínculos entre as pessoas do lugar estão presentes nesse território. Porém, deixo essa reflexão para a frente, pois ela voltará à cena por ser substancialmente importante na construção de meu corpo-território. E sobre isso gostaria de continuar essa reflexão com Eduardo Oliveira (2005), que vai reafirmar o que coloca Sávia Augusta (RÉGIS, 2017), trazendo elementos da tradição africana para com a perspectiva deste corpo que se constrói na relação intrínseca com o território:

Ademais, na tradição de matriz africana pode-se afirmar que a inscrição do universo está no corpo. As marcas de identidade do parentesco religioso e social, étnico e político são escorificadas no território corporal. Como solo sagrado, ele receberá os sinais daquilo que lhe possibilita a origem e o destino. Será no corpo que os símbolos serão inscritos. Será o corpo, em si, o sinal maior dessa união com o Pré-existente e a comunidade. O corpo não é uma entidade segregada do mundo, do outro, de deus. O corpo é equivalente à natureza e ao espírito. É uma singularidade relacionada com o mistério da unidade. O corpo é o emblema daquilo que eu sou, e o que eu sou é um construto da comunidade (OLIVEIRA, 2005, pp.146-147).

Destaco alguns pontos que julgo como necessário para refletir nesse momento, o sagrado deste corpo, que vem nutrido das relações sociais. Um corpo que não se faz isolado, que se estabelece na relação com a natureza, na relação com as pessoas, esse emblema que é cada um e cada uma no construto da comunidade em um território vivo que se faz na relação recíproca de existir e se renovar na circularidade humana das relações. O pensar sobre esse corpo, que é parte deste território. Uma coisa é evidente e concordo com Sávia Augusta e

Eduardo Oliveira, quando afirmam que o território é formado por pessoas e são elas quem dão sentido, sabor, cheiro e vida ao lugar. E trazendo a figura do corpo e da interação entre eles, e o que surge das relações corpo–território, gostaria aqui de convencionar que *corpo é território e território é corpo em um, uníssimo, ato de se constituir-se*. O encontro dos territórios se manifesta na produção do *inédito viável* da arte de viver — isso é Cenopoesia! E a relação entre os corpos que se agrupam nos territórios que renascem se ajunta na busca por fazeres circulares dos encontros, das possibilidades das existência, das vidas em atos constante de transformar-ação, como ressalta Ray Lima (2019) em uma entrevista:

O cenopoético é o que substancialmente produzimos em nossos encontros com outrem, mediados por linguagens que estão ao nosso alcance e subsidiados pelos nossos repertórios humanos que carregamos conosco e os ampliamos quando interagimos e aprendemos com o outro, no decorrer de toda existência. (LIMA, 2019).

Assim, celebro os encontros que tive aqui, com a sacralidade, com o sagrado do meu corpo e os territórios que nele fazem morada. Um encontro com meu lugar que, em relação com aquilo que sou, se transforma e é transformado por mim. Deste encontro com as artes que estão ao meu alcance, vou ampliando meus saberes e fazeres, vou interagindo com as formas de existência sabiamente vividas nas inúmeras faces do bairro que nasce, cresce em tamanho e inteligência humanamente tratada na solidariedade e compaixão.

Neste exercício, percebi como a música, o teatro e a arte no geral representam a comunidade do Pici: como o bairro é essa potência artística forte da cidade de Fortaleza. Quando olhei para o que promove a vida na comunidade, logo vieram os grupos de teatro, de capoeira, dança, as associações, os grupos de Hip Hop. Vejo o Pici desde minha infância como lugar onde a arte pulsa nas suas entranhas, nas esquinas e vielas. Quando criança, lembro dos grupos de quadrilhas juninas, os brincantes de rua, os palhaços e o reisado que passava de porta em porta — manifestação cultural que perdura até os dias de hoje. As cantigas de Reis na voz rouca dos velhos mestres brincantes compunham meu ateliê da memória — e quão bela é essa imagem, esse som ancestral, que se faz contemporâneo, pois é neste instante do agora que essas lembranças me transformam, dando sentido e valor imaterial a tudo que sou e fazendo com que o Pici seja essa transfiguração do ser artístico e cultural no meu imaginário poético, compondo assim, de riqueza, o meu repertório humano, ao qual se refere Ray Lima (2019) ao falar dos elementos necessários à construção do cenopoético.

Quando no *Curso* se falava sobre o objetivo da cartografia social, com a orientação de que o olhar deveria ser direcionado para o que potencializa a vida e o que promove a morte no território, eu não pensei muito nas coisas que matam na comunidade. Embora seja de fundamental importância ter um cuidado com os problemas que nos enfraquecem a vida e vão matando a gente no caminhar de nossa história, Vera Dantas (2019) ressalta que é necessário:

Compreender que em um mundo globalizado, os territórios também têm vulnerabilidades — e de que esse compreensão ajuda a pensar estratégias de promoção da vida, de construir olhares mais concisos do que se passa ali (DANTAS, 2019, p. 8)³.

Esse olhar abre um leque de possibilidades artísticas de enfrentamento às problemáticas existentes no território — e em especial, no meu caso, faço da arte um instrumento de transformação pessoal e coletiva: conhecer a fundo as fragilidades é inteligente e me coloca em vantagem e com tempo a mais para pensar possibilidades de reação e enfrentamento direto, simbólico e cultural, frente às ameaças identificadas. Vale ressaltar que para identificar os fatores que ameaçam a vida no território muitas vezes não é necessário fazer grande esforço, pois alguns sanguessugas das mídias, jornais policiais sensacionalistas, que bebem do sangue da periferia e ganham muito dinheiro com as desgraças, as mortes e o sofrimento das populações negras, indígenas, mulheres e faveladas de nossas comunidades, têm o prazer de todos os dias, em horário nobre, mostrar essas notícias e transformar em audiência, conseqüentemente fazendo de nossa miséria desgraça e dinheiro.

Foquei minha energia e meus pensamentos nas coisas que produzem vitalidade, felicidade, vida e plenitude. Assim como coloca Dantas, busquei: *Olhar para o território vivo e desvelar seus fluxos, seus espaços, seu atores, atrizes e seus contextos!* (DANTAS, 2019, p. 8). Para com isso perceber os meus pares, os que fazem do universo da arte, da cultura, das relações humanas em harmonia de cuidado e amorosidade uma fonte de inspiração para as transformações necessárias e urgentes no lugar. Mirei minha força energética no cotidiano da comunidade a fim de compenetra-me da beleza na cena singela, mas simbolicamente reveladora, das relações que se expressam no entardecer do Pici, decorado com as pessoas sentadas em frente às suas casas, compartilhando café, chá e boas resenhas, entrelaçando as

³Texto retirado do *Guia do Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção do Território Saudável na Convivência com o Semiárido*, Unidade de Aprendizagem II: Educação Popular em Saúde no Contexto do Semiárido. Fortaleza, 2019.

histórias de vida e as experiências dos vizinhos e amigos. Esse desenho é, na minha concepção, uma expressão forte do senso de comunidade e de comunhão solidária urbana. A força potente da amorosidade frente às adversidades, à tecnologia, ao individualismo e às violências da contemporaneidade capitalista e egocêntrica.

Pensei na minha ancestralidade, em especial nas figuras femininas de minha ascendência — o ser mulher que me constitui. Lembrei de minha bisavó Isaura. Sua imagem me veio à cabeça como ser que junta, congrega, ensina, transmite e transcende o tempo, as coisas e os seres. Aquela senhora sentada, conversando, analfabeta das letras porém com mestrado e doutorado nos ensinamentos da vida, com sua resenha encantadora e envolvente. E dela vem a imagem da minha avó Branca, dura, mas amável, forte, porém sensível com uma pureza dos olhos que só avó tem. E, em seguida, me veio minha mãe Iracema e, com ela, a transfiguração da bondade, leveza e paz. Eu fiquei pensando nessa ancestralidade, nesse cheiro que me fez lembrar dessas figuras, que me produziram em todas as minhas dimensões de ser humano em plenitude — esse cheiro ancestral, que me impulsiona, me põe em movimento criativo, em inquietude poética. Porque, de súbito, me veio cheiro ancestral, *encantamento*. O *encantamento* não de fantasia, mas *encantamento* na perspectiva das africanidades, assim como escreve Eduardo Oliveira:

O olhar encantado não cria o mundo das coisas. O mundo das coisas é o já-dado. O olhar encantado re-cria o mundo, porque vê o mundo com olhos de encanto. É uma matiz de diversidade dos mundos. Ele não imagina; ele constrói mundos! É que cada olhar constrói seu mundo. Mas isso não é aleatório. Isso não se dá no nada. Dá-se no interior da forma cultural. A forma cultural africana é o encantamento. Como tal, o encantamento é uma atitude diante do mundo (OLIVEIRA, 2005, p. 239).

Assim me *emunde* deste encanto, pois as lembranças foram suscitando em mim novos mundos possíveis. Recriar mundos é, neste momento, uma das inúmeras missões que pede a minha existência no agora. Encanto, encontro, corpos, territórios são caminhos que andarei para desvelar os mistérios do alicerce da construção de um processo cenopoético em meio a uma ação de imersão no território por intermédio da cartografia social. Ainda sobre *encantamento*, destaco:

Encantamento tem a ver com olhar. O olhar encantado constrói um mundo encantado. Se a modernidade produziu o desencantamento do mundo, a ancestralidade produz um mundo encantado. A ancestralidade é,

concomitantemente, mais antiga que a modernidade e mais contemporânea que a pós-modernidade. Ela se movimenta no ritmo do encanto e por isso sua universalidade, apesar de servir para fins ideológicos, não é ideológica. É um universal de matizes diversas, de relações singulares, de ligações inesperadas, de inclusão de tudo o que está fora e dentro dela, de uma unidade que só é possível porque opera no registro do encanto. No território do encantamento cabe tudo: o visível, o invisível, o antigo, o contemporâneo, a violência, a harmonia, a festa, o culto, a tristeza, a ilusão, o simulacro — mas tudo marcado com a tinta branca do encanto que habita tudo e não se mostra evidente a não ser que capturado pelas teias do encantamento (OLIVEIRA, 2005 pp. 259-260).

Os olhos que me habitam neste momento, e me habitaram ao reviver essas histórias ancestrais, com seus cheiros, cores, sons e sabores, ajudam a formar as imagens matriarcais de minha vida. Compreendo que foi esse olhar encantado capaz de criar mundos, capaz de reinventar coisas, que tem o poder de se fazer ancestral, porém contemporâneo, que neste instante farão morada em mim, compondo de boniteza meu repertório humano. Os encantamentos da ancestralidade contemporânea do agora e a ação cenopoética invadindo os meus territórios, meus mundos encantados e os encontros, dos corpos que se compõe na coletividade das relações. É na dimensão territorial de *encantamento* que cabe tudo, onde os diálogos são transversais, diretos, indiretos, conjugados, recriados. O terreiro que abraça o invisível, o feio, a violência, mas também acolhe toda beleza do silêncio, a harmonia das cores expressada no céu do amanhecer de becos e vielas do meu lugar. O ritmo e a cadência aqui são pautados pelo que sou de encanto e atitude diante do mundo, das transformações que emergem dos encantamentos, do território, do corpo sagrado e da Cenopoesia em conversas, diálogo em resenhas à beira da calçada das ruelas do meu Pici.

Recordei de algumas vezes que tive o privilégio e a gratidão de ouvir Ray Lima falar de seus antepassados, de sua origem afro-indígena, pois que é fruto da união de descendentes de um quilombo e de uma tribo indígena. Eu ficava tentando encontrar a relação do que ele estava falando com o que ele produzia, com a Cenopoesia — e hoje aqui nesta esteira, no exercício de lembrar o passado, em pleno ato da escrita no presente, que se fará futuro de um contemporâneo ancestral do fazer e criar no ateliê autobiográfico. Veio a lembrança deste cheiro ancestral feminino de mulheres que compuseram minha vida. Tenho uma compreensão de como esse cheiro ancestral é poético, como isso é poesia. Isso é transcendente à vida, ao universo! É a própria poesia, é *encantamento*, é território em que cabem todas as coisas e formas. Assim vou entendendo melhor o papel e a importância das heranças, de costumes, das

culturas negras e indígenas que tenho reproduzido na fala, no cotidiano, no meu fazer artístico, nas minhas práticas diárias. A dimensão do universal, das relações singulares, onde tudo está interligado, na verdade, a essa raiz que são os sustentáculos das minhas construções e recriações de mundos possíveis e impossíveis na arte que me alicerça.

No Tempo-Comunidade, desenvolvi atividades com minha companheira Sália Augusta e com Gilvan de Sousa, no Centro Ubuntu de Arte Negra–CUAN, localizado no Pici. A gente se pôs a olhar de forma *encantada* para nosso território, buscando perceber e listar o que tínhamos construído em nossos grupos, na Associação AMOCAP, no ESCUTA, no Soltando a Voz, nos Reisados, nas Quadrilhas, no Coletivo de Culturas Juvenis-CCJ. A partir da Cartografia Social, identificamos que uma das grandes potências do nosso lugar eram as associações, entidades, projetos, lideranças, dentre outros. Já nas ameaças, identificamos que essas instituições do bairro estavam desarticuladas. Dessa forma, fundamentados na proposta da *Especialização* para com o Tempo-Comunidade e alicerçados nos resultados da Cartografia Social, surgiu a ideia de pensar a Rede do Pici como espaço para reunir as entidades, associações, igrejas, terreiros, lideranças, dentre outros que compõem o território. Convidamos a comunidade a se fazer presente no encontro de lançamento da Rede, em julho de 2019. Anteriormente a esses momentos, realizamos quatro encontros preparatórios com o grupo que se dispôs a pensar sugestões para essa Rede do Pici. Para o encontro do lançamento da Rede, iniciamos pensando um acolhimento cultural, onde pudéssemos trazer alguns dos momentos de nossa história, do nosso Pici. Para isso, utilizamos trechos, músicas e poemas do espetáculo teatral *Jogadores Guerreiros Novos*, texto de Ângela Linhares, que reflete e conta as vivências e histórias das pessoas moradoras do bairro e, conseqüentemente, a história do surgimento do Pici. Esse texto teatral foi montado pelo grupo de teatro ESCUTA⁴. Essa criação tinha como objetivo fazer a abertura do nosso encontro e criar uma ambiência onde pudéssemos mergulhar juntos com as pessoas da comunidade em uma viagem pelas lembranças que provocasse nos participantes um *encantamento*.

E assim foi esse momento: de muito lindeza, de canções e interpretações de pequenos poemas e trechos do texto *Jogadores Guerreiros Novos*, provocando reflexões, lembranças e *encantamentos*, pois a arte nas palavras de Ray Lima — quando discorre refletindo a partir de

⁴ Espaço Cultural Frei Tito de Alencar: Comunidade Frei Tito de Alencar, localizada no bairro Pici, periferia da cidade de Fortaleza, Ceará. (Disponível em: <http://blogdoescuta.blogspot.com.br/p/nossa-historia.html>).

uma fala de Ângela Linhares, quando esta participou de uma roda de conversa na Unidade de Aprendizagem I do *Curso*, que descreve exatamente isso:

Portanto, as reflexões que ficaram muito fortes, marcantes deste primeiro encontro, são as da arte como um valor. A Ângela propõe *a arte como tendo valor em si como conhecimento*. A arte e a cultura como dimensões do sensível que fazem a diferença na concepção e nas práticas educativas, compreendendo que *a arte traz para o fazer educativo o culto à utopia*. A educação, sozinha, como técnica, como ciência talvez não tenha a força que possui quando se mistura e dialoga com a arte, com as manifestações culturais da gente (LIMA, 2019, p. 13)⁵.

Ângela Linhares, por intermédio de Ray Lima, coloca a arte como acredito que deve de fato ser posta: arte em si mesma como seu valor, como próprio conhecimento e desveladora das utopias que nas pessoas e na coletividade pulsam em verdade, com desejos e o esperar de transformações. Pensando no ato teatral que construímos, veio-me a reflexão de que isso era Cenopoesia: a arte misturada com educar, com aciência e com os nossos fazeres culturais. Isso é a própria Cenopoesia transcendendo e perpassando por todas as dimensões do *Curso* e influenciando nas nossas ações no território, nos auxiliando e possibilitando construção de conhecimento — até porque compreendo a arte como o próprio ato de produzir saber.

Com isso vou descobrindo e me dando conta de como a cenopoesia, aparece como elemento importante neste processo de construção do conhecimento no curso, tanto na perspectiva de referencial metodológico, como caminho de fomentar problematização reflexão e produção de saberes, nos territórios em estou inserido como pessoa, músico, poeta, artista sonhador de mundos possíveis e impossíveis de se construir e transformar, pelo olhar, pelo corpo, território e pelo encantamento da ancestralidade africana e indígena.

3.4 ATO FINAL: Cenopoetizando a amorosidade plena nas relações humanas de cuidar, na recíproca artística de ser cuidado, com a limpidez de fazer o bem e inteireza da gratidão

⁵ Texto retirado do *Guia do Curso de Especialização/aperfeiçoamento em Educação Popular e Promoção do Território Saudável na Convivência com o Semiárido*. Unidade de Aprendizagem II: Educação Popular em Saúde no Contexto do Semiárido. Fortaleza, 2019.

Neste ato, trago para roda de diálogo e reflexão o momento do Tempo-Escola no qual foi trabalhada a questão do cuidado. Com muita sinceridade, afirmo que foram momentos inesquecíveis de expressões de arte e cuidado, momentos em que as manifestações de cuidado para com o outro se fizeram presentes pelas mais variadas práticas integrativas de cuidado. Muito embora tivéssemos a oportunidade de vivenciar um módulo específico com o tema do cuidado, onde foi possível aprofundar e experienciar formas de cuidado na prática, gostaria de afirmar que a coordenação e organização do *Curso* teve a preocupação metodológica de garantir momentos específicos de cuidado a cada dia do *Curso*, para que as pessoas pudessem se sentir cuidadas, amadas, acolhidas, integradas e envolvidas. Esses cuidados aconteceram nas acolhidas, nas interações, nos momentos coletivos, nos trabalhos de grupo, nos momentos de descontração, na apresentação dos trabalhos e nas horas das refeições. Sempre tinha uma pessoa sendo cuidada e cuidando — com uma massagem, um *reiki*, alongamentos, canções e com a *escuta*, que é algo tão singelo mas profundamente importante no processo de cura. E quando me refiro à *escuta*, lembro-me da canção do Ray Lima, que muito embalou os vários momentos de cuidado que vivenciamos durante essa experiência. A canção fala assim:

*Escuta, escuta!
O outro, a outra já vem.
Escuta e acolhe.
Cuidar do outro faz bem.
Escuta, escuta!
O outro, a outra já vem.
Escuta e acolhe.
Cuidar do outro faz bem.*

*Desde o tempo em que nasci,
logo aprendi algo assim:
cuidar do outro é cuidar de mim,
cuidar de mim é cuidar do mundo,
por isso viver é bom,
viver é bom pra quem sabe amar. (LIMA, 2013, p. 169)*

Cuidar do outro faz bem, faz transformar, faz transcender e transmutar. Amor é saber viver, é arte, é terapia, é saúde, festa e alegria que cria potência de ser, reinventa e, assim como essa canção, eu vou me embalando na cantiga do cuidado, na labuta dos sonhos, dos encantos de um fenômeno *místico* e poético que é pensar como a Cenopoesia perpassou e entrelaçou-se com o cuidado. A Cenopoesia é, certamente, o próprio ato de cuidar, é a magia

encantadora ancestral afro-indígena que envolve multiplicando olhares e mundos possíveis — e como diria Cruz (2018):

O ato cenopoético é uma festa que tem a ação de cuidar não como um mero verbo, mas um transverberar, li essa palavra num livro de Guimarães Rosa (Primeira Estórias) e achei duma beleza tão arrebatante. Transver o verbo, no meu entender, ter o verbo encarnado em nosso corpo. Transverberando o cuidar na cenopoesia (CRUZ, 2018, p. 18).

Festa do cuidado que perpassa por todo o corpo, incorpora, toca em todas as vísceras, nervos, veias, sangue — e vai curando de fora para dentro e de dentro para fora em um harmonioso e melódico, sistêmico e sincronizada ato transverberando de cuidado cenopoético. A perspectiva da Cenopoesia como cuidado pode ser compreendida também com a ajuda e a escrita de Josevânia Dantas na sua dissertação, quando ela didaticamente sistematizou algumas maneiras de se conceber a Cenopoesia, muito embora ela mesma coloque que:

(...) não há uma forma única para se definir uma composição cenopoética. Esta, que se orienta por uma perspectiva de obra aberta, inclusiva e dialética, está em permanente construção e experimento, podendo ser por vários caminhos (DANTAS, 2015, pag. 94).

Mas para nós, neste momento, podemos nos referenciar no que Dantas (2015) construiu e definiu sobre Cenopoesia. E sobre essa conclusão, ela fala o seguinte:

Dentre suas inúmeras possibilidades transcênicas e dialógicas, a cenopoesia vem sendo vivenciada por meio de algumas modalidades, especificamente diferenciadas e denominadas por: Roteiros Cenopoéticos, Intervenção Cenopoética, Desafio de Repente, Vivência Cenopoética, Corredor Cenopoético de Cuidados e Cortejos Cenopoéticos (DANTAS, 2015, p. 96).

Vou me deter a refletir sobre a ideia de *corredor cenopoético do cuidado*, que neste momentos nos salta aos olhos, pois vou me valer deste ponto de partida para poder trazer os momentos de cuidado cenopoéticos que tivemos no decorrer do *Curso*. Sobre *corredor*, o próprio Ray Lima descreve como ele surgiu por meio de uma carta enviada para Dantas que faz parte da sua dissertação; na Carta II, Ray Lima fala:

O ritual cenopoético, um dos últimos chamados da cenopoesia, hoje está muito associado às práticas integrativas e populares de cuidado. [...] Dentro desse contexto, o corredor de cuidado — uma criação dos cuidadores e

cuidadoras dos movimentos sociais ligados aos movimentos de mulheres camponesas e ANEPS, depois aperfeiçoada pelo Espaço Ekobé e Cirandas da Vida, onde o *reiki*, a massoterapia, o xamanismo, a mística são comuns — revelou seu potencial cenopoético ritualístico [...] Foi aí que entendemos a necessidade de se pensar o corredor a partir da cenopoesia, como um ritual que além de proporcionar o cuidado em si, poderia provocar uma reflexão profunda dos sujeitos cuidados e cuidadores sobre sua condição humana, a gestão do seu corpo, do seu ser/estar no mundo com o mundo, enquanto estão cuidando e sendo cuidados. Daí alguns autores e elementos novos foram sendo introduzidos no corredor original: a figura do cenopoeta, do poeta, do ator, do repentista, do cantor, do músico etc. [...] A cenopoesia foi substancialmente dando a essa prática de cuidado um sentido novo de um ritual que possui intencionalidade, começo, meio e fim; propósito claro para todos; é amoroso e reflexivo, formador e transformador; desloca o sujeito do seu cotidiano e rompe com a rotina particular de cada um, levando-o a refletir com o corpo inteiro de dentro pra fora, de fora para dentro sobre os universos interior e exterior, o sentido de pertença ao mundo e à vida que leva em sociedade, recuperando o equilíbrio, a consciência crítica com amorosidade da vida pessoal e coletiva (DANTAS, 2015, pp.180-181).

Assim vou compreendendo como aflorou o surgimento desta perspectiva do *corredor cenopoético do cuidado*: as palavras de Ray Lima são de bonitezas e de limpidez que dispensam qualquer comentário. Destaco na ocasião, por questões especiais de vivências e experiências próprias durante os momentos do *Curso de Especialização* que dialogam com os objetivos deste trabalho, que a dimensão amorosa e reflexiva apontada por Ray Lima no *corredor cenopoético do cuidado* proporciona o deslocamento das pessoas participantes do momento de cuidado de sua rotina individualista com foco na recuperação do equilíbrio, da crítica com amorosidade. Essa colocação caminha no trilho do entendimento emocional, intelectual que me provoca a reconhecer os percursos que a construção do conhecimento foi percorrendo nas minhas entranhas, no meu corpo inteiro, nas minhas transformações que são operadas no campo sensível do meu eu em relação e resplandecência com os saberes dessa prática que me toca e transcende, dando sentido às várias possibilidades de ação que eu, enquanto artista, poeta, músico, ator, poderei ser um cenopoeta no mundo das relações de ensino-aprendizagem conjugando na luta o verbo *esperançar*.

Os momentos de cuidados, para mim, são a congregação e também sinônimo de Cenopoesia, pois o próprio ritual místico da Cenopoesia é um ato de cuidado. Eu compreendo o cuidado como uma coisa maior entre muitas outras coisas, dimensões e perspectivas. Olhando para os momentos que tivemos durante o processo do *Curso*, percebo a Cenopoesia

como esse chamamento ritualístico. Os encantos, os encontros de corpos-territórios e a arte viva da transcendência na existência do hoje-agora como oportunidade única de se perceber como força de potência transformadora de si no mundo inerentemente coletivo e compartilhado.

Foram possibilitadas, no módulo do cuidado, vivências de algumas práticas integrativas de cuidado, como: a biodança, a reflexologia, a constelação familiar e o sagrado feminino — que, para mim, foi só gratidão em poder fazer parte desta grande congregação humana de cuidado. Mas, nas entrelinhas do encontro, nos intervalos entre as atividades, houve muitos cuidados sendo trocados, dados, compartilhados entre os/as participantes. A energia da troca se materializava nas aplicações de *reiki*, massoterapia, canções, poesias e sínteses artísticas sendo construídas, apresentadas, recitadas e cantadas ao pé do ouvido de companheiros/as de lutas. Poemas eclodindo das bocas inundadas de amorosidade plena nas relações humanas do cuidar. E assim fiquei pensando o que falar sobre essa palavra *cuidado*, reflexão que me veio foi sobre a ideia de que é congregar e transcender — e como isso se materializou nesse módulo. Congregar, transcender e transformar foram as palavras que me tocaram e me atravessaram durante todo o Tempo-Escola. E a imagem mais marcante e reveladora de toda essa magia, encanto e amorosidade possível e impossível de ser ter é a imagem do *corredor cenopoético do cuidado* que finalizou com um grande círculo de ciranda materializada da recíproca artística de se cuidar e ser cuidado na roda da troca da arte viva e transformadora.

Finalizo esse ato trazendo mais três momentos do *Curso* no qual a Cenopoesia nos acolheu e nos promoveu elementos de provocação e reflexão. Trago aqui o momento do Encontro Regional, que resumo com duas palavras: atuação e contação — me coloquei a pensar como a apresentação da nossa sistematização⁶ em forma de contação foi transpassada pela Cenopoesia, e por que não afirmar que foi também um *ato cenopoético*? Um momento com canções, poesias, interpretações e com as pessoas da roda contribuindo, participando e fazendo junto sem as barreiras nem a diferenciação privilegiada entre ator, atriz e público e, sim, com muita partilha e comunhão. Singeleza de ideias foram se constituindo e se fortalecendo dentro de mim, tornando-se cada vez mais evidente e potentes as perspectivas e

⁶ A Sistematização foi um processo que todos os educandos e educandas do *Curso de Especialização* fizeram no Tempo-Comunidade: inspirados em Oscar Jara Holliday, os educandos e educandas escolheram histórias e experiências dos territórios e sistematizaram. Posteriormente foram apresentadas de forma artística nos Encontros Regionais e Interestadual.

direcionamentos do fazeres e seres cenopoéticos construídos no cotidiano dos meus trabalhos artísticos de cuidado ou cuidados artísticos.

Depois deste momento, seguimos para o Encontro Interestadual. Escolhi as palavras *resistência e ressignificação dos possíveis e impossíveis*, quando eu busco transformar as possibilidades que estão colocados em um único caminho. Onde creio que de fato o grupo deu uma ressignificação para o Centro de Eventos do Estado do Ceará, um ambiente que à primeira vista não dialogava com uma perspectiva da Educação Popular, mas o grupo se colocou aberto e propositivo na busca de fazer o impossível e de tornar possível, pois creio que não existe impossível diante de seres brincantes, transcendentais, de cuidadores e cuidadoras da arte nossa de cada dia. Assim, com uma poesia-canção criada para uma síntese artística do grupo que fazia parte durante um dos muitos momentos de produção do conhecimento artístico, cultural, poético e encantado, vou encerrando essa narrativa, essa poesia-canção que para mim foi um grande poema reflexivo que ajudei a construir:

*O movimento
Da
Poesia
É a alegria
Do
Conviver
O movimento
Da
Poesia
É a alegria
Do
Bem viver...*

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Quais aprendizados floresceram?
Que sonhos invadem meu coração?
Quais são os medos que me assolam?
Que reflexões pulsam nessa mente inquieta?
Decerto as respostas não são fáceis!
Nem entregues às sombras em dia de sol.
Mas quando os caminhos são alinhados
Pelas energias superiores do universo,
As certezas, as incompreensões e as dúvidas
Serão no amanhã do meu próprio eu,
O todo e inexplicável do ontem, no passado do agora!
Nas incompreensões do amanhã e pairando nos Soláveis do hoje.*

*Mas tudo principiaria com aquiescência do vento,
Esperançar do mundo que eu ansiava e transmuta!
(poema de José Soares)*

Diante do que foi exposto no decorrer deste trabalho, chego às considerações finais carregando um universo de aprendizados, possibilidades, sonhos, desejos, inquietudes e, quiçá, algumas incompreensões boas, cativantes de novos projetos de investigações sobre a Cenopoesia: em relação à arte, ao cuidado e à ancestralidade africana e indígena, quem sabe em um futuro próximo seja possível aprofundar e, assim, descobrir novos caminhos para algumas questões que ficaram superficiais e inconclusas durante esse singelo trabalho. Porém, gostaria de falar um pouco de um verbo em especial que foi muito utilizado nas linhas e entrelinhas deste texto, que é a palavra *esperançar*, essa ansiosa aspiração do hoje na querência de transmutar e fazer acontecer os muitos *inéditos viáveis* que buscamos no anseio das mudanças e transformações necessárias para o mundo no qual habitamos. Assim reuni algumas das ideias, aprendizados, reflexões, desafios e vontades futuras que gostaria neste momento de compartilhar.

Vou iniciar essa trilha falando de minhas descobertas, meus aprendizados — e, dentre todos eles, eu quero trazer primeiro a dimensão da pesquisa, cuja base se sustenta nos pilares de minhas próprias experiências, dos meus vividos, das minhas histórias de vida, origens e ancestralidades que me amparam e direcionam em meio ao oceano de infinitas possibilidades. Com a pesquisa narrativa autobiográfica, com o uso da palavra-geradora dos círculos de cultura de Paulo Freire, descobri a relação intrínseca com nossa ancestralidade africana, com a figura social e cultural dos *griot*, essa essência comum à África ancestral na qual eu tenho me dedicado há alguns anos a estudar e pesquisar: isso foi me colocando em uma intimidade boa, confortável e instigante, no andar das escritas do trabalho e com um desejo de aprofundar as ideias e relações de que fui me dando conta. Em meio a isso, fui percebendo conexões interessantes entre as narrativas autobiográficas, a Cenopoesia e as Áfricas presentes em mim e no Brasil. Na história que, por vezes, nega as negras verdades sofridas, todavia aguerrida do povo negro, indígena e suas culturas que resistem e persistem, mantendo-se vivas e influenciadoras de nossos cotidianos. Uma relação, principalmente, com as nossas referências, com as coisas que dão base e alicerce pessoal nas nossas vidas — e o fato de que tudo isso se torna matéria viva, potente e substancialmente fundamental nas construções dos *atos cenopoéticos*.

Esse desnudamento poético das histórias vividas no percurso do *Curso*, contada e recriada por intermédio da narrativa autobiográfica, alimenta meu imaginário, meus campos

de criação, pois me colocou um olhar investigativo e atento para as coisas que aconteceram e por alguma razão passaram despercebidas, momentos que não faziam muito sentido no calor dos encontros. Entretanto, quando fui fazendo algumas leituras, as coisas, as práticas, foram tomando caminhos que não esperava que pudessem ser. Como, por exemplo, a importância do preparo artístico, poético, cultural, espiritual e humano dos momentos de acolhida, dos intervalos. Dos momentos em que a dispersão, por conta do cansaço, abatia o grupo — e, assim como uma injeção de ânimo e alegria, as intervenções cenopoéticas com Ray Lima, Vera Dantas e outros músicos, poetas, atores e atrizes participantes da *Especialização*, foram se fazendo de uma importância metodológica para o aprendizado e para o *Curso* como um todo, sem tamanho e sem medida: a ação cultural como elemento presente e relevante na estrutura didática do *Curso*. Para mim, a Cenopoesia chega no *Curso* como o rio chega ao mar e, deste encontro, se faz um nascedouro, um universo propício de reprodução, criação e renovação de ideias, sonhos, desejos e possibilidades transformadoras.

A força da pororoca nas ações e interações cenopoéticas, a potência destes atos são de uma importância significativa e de muitas conquistas de saberes novos. Por muitas vezes, quando estava sentado na cadeira da sala de aula, essa força emergia quando ouvia o tambor poeticamente sendo tocado por Ray Lima, seguido de seus poemas que uniam harmoniosamente a arte da palavra melódica com as densas colocações e provocações das professoras e professores que traziam temas duros, de nossos sofrimentos coletivos, das nossas dores, burocráticos, mas necessários para o entendimento, compreensão e reflexões acerca deste sistema capitalista, racista, genocida, xenofóbico, que mata a natureza, as terras indígenas e quilombolas, assim como tem matado os próprios índios e os remanescentes direto de quilombolas, que ainda existem e resistem. A Cenopoesia com a leveza das águas do rio que correm em direção ao mar trazia tudo isso com canções, poemas, cenas curtas de textos teatrais, que me faziam dançar banhando-me nessas águas aprazíveis dos saberes em plena gestação, com graciosidade e sutileza. As densidades dos conteúdos se faziam na profundidade artística e na amorosidade dos encontros humanos dos *atos cenopoéticos*. Assim, para falar desta significância que são esses entendimentos, eu gotejarei um poema-canção que fala o seguinte:

*Não queira me assombrar
Com suas teorias
Que eu te faço uma poesia
Com tanta melodia*

*Que tu não vais nem entender
De tantos porquês
São feitos os dias ao amanhecer
Em Barreiras de teus olhos
Nas cores do mar ao entardecer.
Não me assole!
Com conteúdo duros e sofridos
Que eu me desnudo em poesia
Narrando minha vida
Em cenopoesia. (poema de José Soares)*

No universo das descobertas do *Curso* e na escrita deste trabalho de pesquisa, gostaria de destacar algumas coisas que para mim foram transcendentais. Na verdade, tudo o que a gente aprende é, decerto, uma forma de transcender e transformar-se. Sigo neste texto singelo, puro e verdadeiro. As investidas cenopoéticas, articuladas metodologicamente e as que foram se fazendo necessárias no decorrer do Curso, foram os elos que promoveram as conexões entre teoria e prática. Fui me dando conta de que a arte cenopoética não exerceu um papel tão somente como facilitadora das teorias endurecidas, densas e filosoficamente difíceis ensinadas nesta *Especialização*. Isso já acontece com naturalidade dentro das perspectivas cenopoéticas de ação. Trago aqui uma colocação e *provocação* que a mim veio em diversos momentos, de que a arte cenopoética não se resume unicamente a ser ligadura mas, também, fomentadora direta dos saberes, como próprio ato político de fazer conhecimento. É na Cenopoesia que se faz conhecimento, na minha singeleza de pensamento. Diante das buscas aqui empreitadas, posso ventilar as possibilidades futuras de desejos de investigação da Cenopoesia como tecnologia e metodologia artística de construção de saberes e conhecimentos, pois foi possível ver na *Especialização* como esse caminho de engrenagem sólida foi que me colocou em processo constante de aprendizados. Assim me gabarito a afirmar que é uma proposta promissora que assevera as possibilidades de aprender fazendo arte.

Eu fui atravessado por essa *Especialização* de diversas maneiras, pelos mais distintos vieses: artístico, político, humano, solidário, espiritual e amoroso. À vida, ao destino e ao universo eu tenho uma imensa gratidão por, de alguma maneira, abrir as portas da oportunidade de me colocar neste lugar, no *Curso de Especialização em Educação Popular, Promoção de Territórios Saudáveis e Convivência com o Semiárido*. Vivenciar essa formação foi uma chance suprema de melhorar humanamente. Tive ganhos incontáveis nos exercícios de amorosidade, paixão, arte e repertórios humanos de carinho, respeito, amor e cuidado. Sou grato, pois não me veio neste processo só uma *Especialização*: foi para além de um mero título. Ela me trouxe exemplos de realização, de sonhos possíveis, de *inéditos viáveis*, de

estradas varadas de espinhos mas cobertas de rosas em arcos de flores acalantando os caminhos arredios que preciso percorrer para alcançar as evoluções intelectuais, espirituais e humanas necessárias para as transmutações que emergem em minha vida.

Muitos olhares se materializaram aqui neste trabalho, como: os encantamentos; a ancestralidade negra; as figuras femininas que são referências na minha vida artística; as reflexões de que no bairro Pici pulsam nas vielas, becos, ruas e avenidas um *quilombo urbano* por meio de suas práticas culturais populares negras, do maracatu, das brincadeiras de roda, da negritude musical — e uma África através das relações comunitárias, humanas, íntima e coletiva. Relacionei e dialoguei isso com a Cenopoesia, que me possibilitou abrir um leque de possibilidades e, com isso, me abrir para a todas as construções e fazeres que estão disponíveis com as pessoas e suas histórias de vida, seus repertórios humanos. Sou grato por ir construindo isso dentro de mim, na minha individualidade, que é na verdade representação deste coletivo, pois somos moldados, criados e recriados também pelos territórios que habitamos e transitamos. Assim como não é possível se banhar do mesmo jeito no mesmo rio por duas vezes, com as edificações que construímos neste processo não entro no bairro em que nasci e me criei como entrava antes, pois sempre percebo e encontro um bairro novo, com percepções novas e olhares renovados. Isso se deu graças a esse processo, à Cenopoesia, à Educação Popular e aos seus inéditos viáveis, das utopias, dos sonhos e do desejo de metamorfosear.

É sabido que muitos desafios precisei superar para conseguir chegar até aqui. Neste momento do processo, por diversas vezes tive que abdicar de outras coisas e fiz a opção de continuar estudando e acreditando neste trabalho, nas ideias e propostas aqui colocadas e postas, não como verdade absoluta, mas como sugestões de caminhada. De mãos dadas com as artes que me sustentam, me alimentam física, mental e espiritualmente, não foi fácil construir um projeto e proposta que tenha a arte, a música e o teatro como foco de construção de saber, que provoca a fazer não só a leitura das letras, mas também as leituras de mundos, das estruturas deste sistema capitalista opressor, sexista, machista e violento. A Cenopoesia aqui me veio como inquietude e *provocação* para que eu pudesse refletir sobre como os *atos cenopoéticos* produziram, criaram, fomentaram e atuaram como principal fonte do aprendizado durante o *Curso*. Provocou-me também a pensar no desenvolvimento de novos caminhos que garantam um aprofundamento em relação a essa tecnologia metodológica, pedagogicamente artística e politicamente comprometida com a amorosidade transcendente e revolucionária.

Embora as labutas sejam muitas, eu queria trazer nas minhas últimas considerações uma referência à perspectiva do *corredor de cuidado* e a correlação deste com a Cenopoesia. Esse foi um dos momentos no qual experimentei com muita força, verdade, humanização e amorosidade o que circulava em meio à atmosfera do *Curso*. Destacando aqui esse universo de cuidado nos atos simples igualmente de cuidar, poderia discorrer bastante sobre o tema, pois se faz como que um universo potente e vasto para as mais distintas possibilidades de pesquisa, reflexões e investigações sobre *o que é e como se materializa na prática o corredor de cuidado*. Quando unido à Cenopoesia, as possibilidades se multiplicam pois, de fato, para mim estamos diante de uma tecnologia de cuidado e humanização com base nas manifestações artísticas, culturais, humanas, abertas, livres e amorosamente revolucionárias. Tudo o que eu escrever sobre o *corredor do cuidado cenopoético* será meramente insuficiente, superficial, visto que é demasiadamente indescritível, inenarrável retratar as sensações, os sentimentos, as energias, a elevação espiritual e humana, o bem estar e a amorosidade que fazem parte do *corredor do cuidado* com a Cenopoesia. O que posso neste trabalho fazer é *provocar* os leitores e leitoras a vivenciarem esta experiência. Viver e experimentar essa prática de cuidado que surge dos movimentos populares de luta e resistência, das mulheres camponesas e que conseguem com destreza, *expertise* e perspicácia cuidarem e ser cuidadas, física e espiritualmente, sendo amorosamente acalentadas com canções, ao tempo em que essa música nos convoca para refletir e lutar por mundos melhores e sustentáveis.

Assim finalizo esse trabalho, com a inteireza de saber que podemos mais. Todavia, com uma gratidão sem tamanho em poder de alguma maneira contribuir e falar um pouco de como fui *atravessado* por essa experiência — e ter o prazer de fazer esse singelo trabalho junto com Vera Dantas, Ray Lima e com a compreensão e o apoio em todos os sentidos de Sávvia Augusta e Benjamim Kayodê. A todas essas pessoas gratidão, respeito, carinho e amor.

Para fechar com poesia, trago uma que fala de fim e de começo, do que principia ao ponto em que termina, deixando acertado que, nesta roda de saberes e aprendizados, a circularidade de conhecimento não se acaba, sempre se renova.

*O fim, o fim
Vai se encontrar
Com o começo de tudo,
De tudo, de tudo, de tudo*

Que vai acabar

*O fim, o fim
Vai se encerrar*

*O começo de tudo se inicia
No início, do início, do início
Que vai terminar (SOARES e RÉGIS, 2019, p.38)*

REFERÊNCIAS

BERNAT, Isaac Garson. *O olhar do griot sobre o ofício do ator: reflexões a partir dos encontros com Sotigui Kouyaté* 2008. Disponível em: <https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/1320>. Acessado dia 15 de Abril de 2020.

BOGO, Ademar. *O MST e a cultura*. 3ª. ed. São Paulo: Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, 2009.

BRAGA, Osmar Rufino. *Autobiografização e formação de juventudes: uma reflexão sobre a produção da vida na periferia*. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2013.

DANTAS, Maria Josevânia. *Cenopoesia, a Arte em Todo Ser: das Especificidades artísticas às interações com e educação popular*. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal da Paraíba, Programa de Pós-Graduação em Educação. Curso de Mestrado em Educação, João Pessoa, 2015.

DANTAS, V. L. A. *Dialogismo e arte na gestão em saúde: a perspectiva popular nas Cirandas da Vida em Fortaleza*. 2010. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, Faculdade de Educação, Fortaleza, 2010.

DOMINICÉ, Pierre. *A formação de adultos confrontada pelo imperativo biográfico*. Université de Genève. In: **Educação e Pesquisa**, São Paulo, maio/ago. 2006.

FREIRE, Paulo. **Por uma Pedagogia da Pergunta**, Antonio Faundez. Edição 4ª. Editora: Paz e Terra, Rio Janeiro 1985.

INDURKY, F. *O ritual da mística no processo de identificação e resistência*. In: RUA [online]. 2014, Edição Especial - ISSN 1413-2109. Consultada no Portal Labeurb – **Revista do Laboratório de Estudos Urbanos do Núcleo de Desenvolvimento da Criatividade**.

LIMA, Ray. **II Caderno de educação popular em saúde / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa**. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília. Ministério da Saúde, 2014.

_____. Comentário no Blog: Numans - Núcleo de Mobilização Antimanicomial do Sertão. Disponível em: <http://numansmobilizacao.blogspot.com/p/cenopoesia.html>. Acessado dia 27 de Fevereiro de 2020.

_____. Brasil. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa. *De sonhação a vida é feita, com crença e luta o ser se faz: roteiros para refletir brincando: outras razões possíveis na produção de conhecimento e saúde sob a ótica da educação popular / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa. – Brasília: Ministério da Saúde, 2013.*

LOUW, Dirk. *Ser por meio dos outros: o ubuntu como cuidado e partilha*. In: **Revista UHU Online**,; ano 10 do 6/12/2010. Disponível em:< http://www.ihuonline.unisinos.br/index.php?option=com_content&view=article&id=3687&secao=35>. Acesso em: 16 de maio de 2020.

MARIE-CHRISTINE JOSSO. *A transformação de si a partir da narração de histórias de vida*. Socióloga. Antropóloga e doutora em Ciências da Educação. Professora da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Genebra, maio 2007. Tradução de Maria do Carmo Monteiro Pagano. E-mail: Marie-Christine.Josso@pse.unige.ch.

CRUZ, Nicole Nunes da. *Cartas para desver o conceito de resto: a cenopoesia no Hotel da Loucura*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas. Porto Alegre, 2018

PETIT, Sandra H. e SILVA, Geranilde Costa e. *Pret@gogia: referencial teórico para o ensino da História e Cultura Africana e dos Afro-descendentes*. In: CUNHA, H. SILVA, Cícera. SILVA, Joselina. (Org.) **Artefatos da cultura negra no Ceará**. Fortaleza: UFC, 2011.

RÉGIS, Sália Augusta Oliveira. *Pretagogizando a Contação de Histórias Africanas e Afro-Brasileiras: Caminhos Pedagógicos para a Construção do Pertencimento Afro*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza, 2017.

REGIS, Sália Augusta Oliveira e SOARES, Francisco José da Silva. **Os pequenos Guardiões Yorubás**. Ilustração: Alexandre Jales. Editora: Expressão Gráfica. Fortaleza, 2019.

OLIVEIRA, Eduardo David de. *FILOSOFIA DA ANCESTRALIDADE: Corpo e Mito na Filosofia da Educação Brasileira*. Tese (Doutorado) Universidade Federal do Ceará. Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. Fortaleza, 2005.

ANEXOS

**Anexo A - Música cantada no acolhida da mística cenopoéticas na aula inaugural do
Curso de Especialização/Aperfeiçoamento em Educação Popular em Saúde e Promoção de
Territórios Saudáveis na Convivência com o Semiárido**

“Não dói, Amor”

(autoria José Soares)

Não dóiiiiii chorarrrr
Não dóiiiiii sofrerrrrr (bis)

Por amor não dói chorar
Não dói sofrer.

Por amor, a gente
Pode se encontrar

Por amor, a gente
Pode se perder

Por amor, eu trouxe
A lua pra você

Nesta noite que não
Para de chover
Preto e branco vão
Se amar sem perceber

E o racismo a gente
Manda, se for amor

Não dóiiiiii chorarrrr

Anexo - B Fotos dos desenhos construídos no ateliê autobiográfico:



